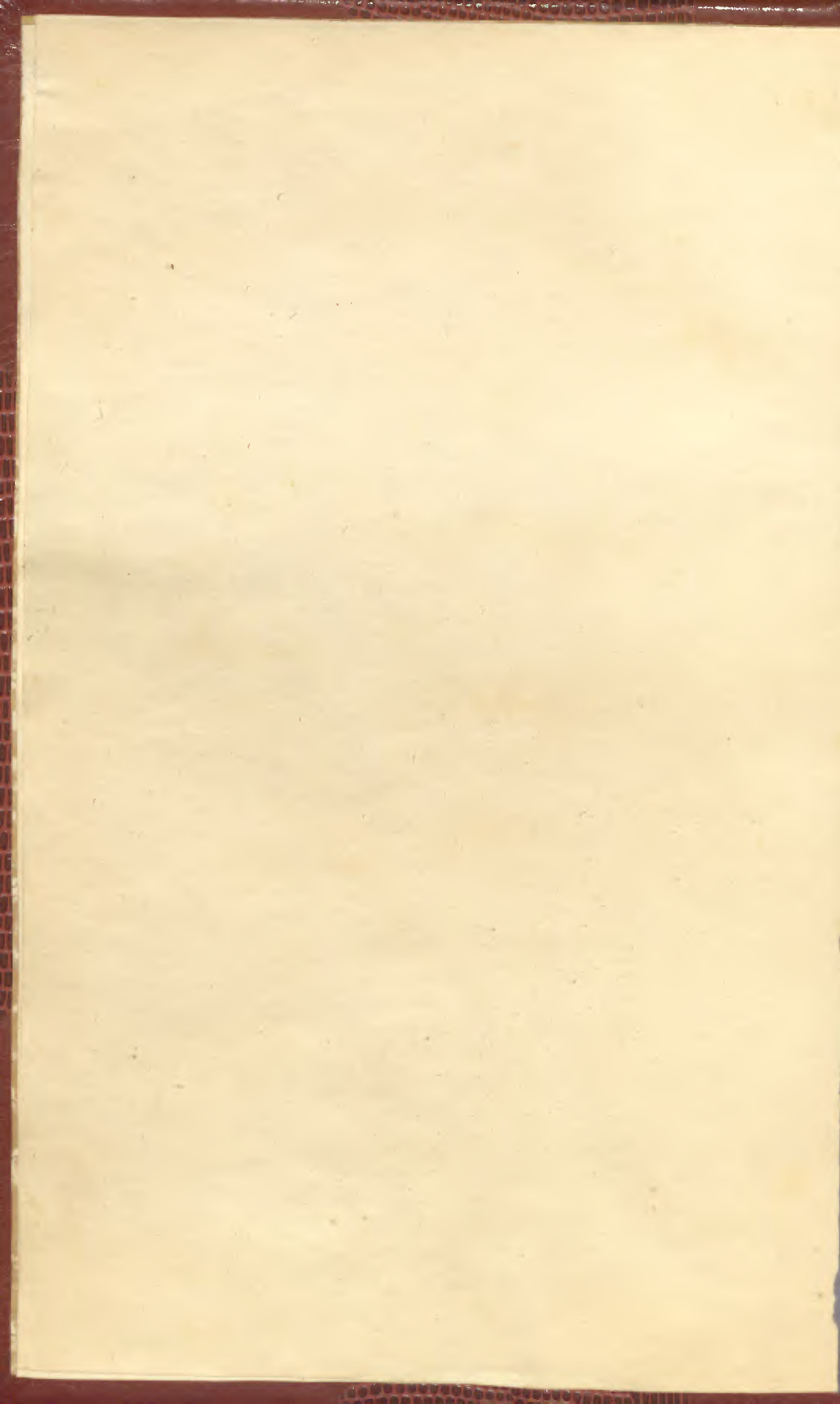


al
ura



ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO



MOMENAGEM PRESTADA Á SUA MEMORIA
PELA

1806

IMPRENSA DO PORTO

1882



HOMENAGEM A RODRIGUES SAMPAIO



Antonio Rodrigues Sampaio

HOMENAGEM PRESTADA À SUA MEMORIA

PELA

IMPRENSA DO PORTO



PORTO

Real Typographia Lusitana

RUA DE D. FERNANDO

1882.





O PRODUCTO D'ESTE LIVRO
DESTINA-SE Á CREAÇÃO DE UM PREMIO ANNUAL PARA OS ALUNOS
MAIS DISTINTOS DA ESCÓLA QUE VENHA A INSTITUIR-SE NA PREGUEZIA
DE S. BARTHOLOMEU DO MAR,
DO CONCELHO DE ESPOZENDE.



Esta publicação fez-se com o concurso prestante e benemerito das typographias :

Commercio do Porto, dos snrs. Dr. Henrique Carlos de Miranda e Manoel de Souza Carqueja ;

Actualidade, do snr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento ;

Internacional, do snr. Antonio Ferreira de Brito ;

Lusitana, dos snrs. Reis & Monteiro ;

Dos snrs. Arthur José de Souza & Irmão ;

Occidental, do snr. Joaquim da Costa Carregal ;

Commercial, dos snrs. Santos Corrêa & Mathias.

E dos seguintes estabelecimentos :

Atelier photographico, dos snrs. Emilio Biel & C.^a

Lithographia a vapor, dos snrs. Sebastião Sanhudo & Irmão.

Fabrica de papel de Ruães, dos snrs. Alberto Carlos de Oliveira & C.^a

Antonio Rodrigues Sampaio

PERFIL BIOGRAPHICO



LIÇÃO da vida e feitos de um homem que percorreu a trajetória da existência passando acima do estalão commum, ha-de ser, se se quer que seja instructiva e util, uma obra de verdade e de justiça. Se lhe hão-de dar outra feição, se a lisongearia vae calumniar a memoria do morto, ou os odios e malquerenças, que lhe sobreviveram, vão revolver-lhe as cinzas arrefecidas, melhor é que essa lição, fructo de iniquidade e de mentira, não se faça. Distinguiu-se o varão illustre por talentos e virtudes? Os louros com que lhe cinjamos o vulto ou o nome, igualmente gloriosos, serão incitamento honesto a que os presentes e vindouros o imitem. Foram ao contrario a astucia, a hipocrisia, a audacia, a ambição ou o crime os meios de que se valeu para galgar ao

viso das grandezas e da gloria? No justo castigo com que o flagellarmos tenham salutar repressão os maus instinctos, detendo o passo aos que propenderem a trilhar o mesmo tortuoso caminho.

Tremei no meu sanctuario; eu sou o Senhor.
 Distico apropriado para insculpir-se no templo immaterial da historia. A carne é fraca, o espirito enfermo. Se a justiça, de seu natural severa, não ha-de ser temperada pela clemencia, quem haverá que a supporte? Ainda as consciencias intemeratas, as reputações mais perlustradas, *sans peur et sans reproche*, ainda essas, comparecendo no tribunal da posteridade, necessitam de ungir-se com o oleo bento da misericordia. O justo, segundo uma sentença da Biblia, impregnada d'uma philosophia profundamente humana, cae sete vezes ao dia. O homem impeccavel, crede-me, eu não o conheço! Se o conheceis vós, indigitai-m'o. Um farrapinho da sua capa ou do seu vestido, as areias do chão que piza, tudo me servirá de reliquia. Esse deixou de ser um homem; é um anjo . . . que sei eu? é um monstro . . . de santidade.

Com estas disposições de espirito vou tentar um esboço, breve e á ligeira, que nem o tempo nem as posses dão para mais, da biographia do conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, decano da imprensa portugueza, que serviu e honrou no correr de quasi meio seculo de lucta. Para cinzelar as feições do athleta que subiu a pincaros esfarrapados, onde sopram, desordenados e furiosos, os vendavaes da paixão e dos interesses em litigio, era preciso o pulso forte e a intuição artistica, genial, d'um Miguel Angelo da penna.

A commissão executiva da imprensa do Porto, encarregada de preparar uma homenagem condigna á

memoria de Rodrigues Sampaio, sentiu essa necessidade. Accudiu a varios dos mais formosos talentos que abrilhantam a legião de que sou soldado obscuro, quasi anonimo. Trabalho perdido: exiguidade de tempo, delicadezas de posição, enleio de escrupulos, que é dever de todos acatar. Boas palavras, em summa. Que se havia de fazer? Os ricos, um pouquinho soberbos com os seus abundantes celeiros, não os abriram; recorreu-se á oblata dos pobres. E como entre os humildes eu me inscrevo em primeiro lugar, a indicação estava feita; era força submeter-me á quasi imposição. Aceitei.

Bem entendido que não é n'esta hora, deslizado apenas um mez do traspasso do cidadão benemerito, que a posteridade haja de pronunciar o seu veredicto definitivo, inappellavel. Quem ha ali que possa constituir o jury, sem que possa dar-se por suspeito? Os que lidamos na arena do bem publico, todos somos mais ou menos interessados no pleito que se ventila e em que o Sampaio da *Revolução de Setembro* foi, por um dos lados, o primeiro, talvez, e o mais destemido dos campeadores. Juizes e reus, ou auctores, não o podemos ser ao mesmo tempo, e força é esperar que o futuro a todos julgue e nos faça inteira justiça. De mim digo, em abono de imparcialidade e sinceridade, que não tratei nunca pessoalmente a Sampaio e nem sequer o conheci. Não tenho d'elle aggravos, não guardo a memoria de beneficios, que pedisse e recebesse. Vi-o da minha Thebaida. Admirei-o, não obstante, e respeitei-o; era um talento superior e um character nobre, de isenção, formado na escola do trabalho. A perfeição absoluta não lh'a exigia o meu culto; não a exige a ninguem. A conquistar-me veneração e homenagem,

basta que o homem digno d'ellas ponha em todos os seus actos, nos seus defeitos e fraquezas, vou mais longe, nos seus mesmos desvarios, o sello da grandeza moral do seu animo.

Antonio Rodrigues Sampaio não teve os prestígios d'uma prosapia illustre e solarenga a enaltecer-lhe o berço nem a esteirar-lhe os caminhos para a conquista d'uma elevada posição na sociedade.

Nascido a 25 de julho de 1806, em S. Bartholomeu do Mar, no concelho de Espozende, deu-lhe a natureza por pais a Antonio Rodrigues Sampaio e Maria de Amorim, um casal de pequenos lavradores. Pobre gente, mas acaso feliz e satisfeita, vendo o sol dourar-lhes as messes e a terra devolver-lhes, avolumadas em fructos, as bagas do suor copioso com que porfiosamente a cultivavam. As pessoas simples do campo, os trabalhadores, haurem da faina contentamentos bons e sadios que os mimosos da fortuna desconhecem. Não lhes corta o somno reparador de fadigas a febre de ambições innoderadas, de vaidades doentias, de accrescentamentos rapidos, mysteriosos, que dêem rumor de si.

Parco é o sustento da vida, basta-lhes a larga fadia de pão duro, como elles, e o caldo espartano. O vinho que se tingiu da côr do rubi ou do topazio nas suas parreiras, a fructa que enloureceu nos seus pomares, constituem regalos de que não ha de abusar-se, e não abusam! A carne de vacca, o arroz doce, a fo-

gaça . . . um luxo ! fique para a festa do orago e para os grandes dias solemnes.

Uma temperança identica e harmonica no vestir : a baeta grosseira no inverso, o linho ou o cotim para os serviços agrarios na estação opportuna. O capote de cabeção, de panno azul, amplo, caroavel, que chegue para agasalho de dois, mandado fazer quando foi o casamento do avô, serve-lhe tambem para pompear galas e estadear-se no baptisado do neto.

Remontando-nos áquella epoca, se a terra produzia o necessario a este patriarcal viver ; se dava tambem para os dizimos e primicias pagos religiosamente á igreja de Deus, ou a quem, em nome d'elle, crystallisava em folganças as dores e canceiras do trabalhador ; se além d'isso não vinha por outro lado el-rei, que Deus guarde, chamar o pai de familias ao serviço de milicias, fardando-se á sua custa, não havia sombras que podessem escurecer aquelle ceu sereno e espelhado. Então podia o cultivador pensar, condensando umas tantas pecas d'ouro no fundo da meia, em comprar a leirita que arredondasse a herdade, erguer casa assobradada, a torre, e pôr o filho a estudos de padre. O cumulo da ambição e a suprema felicidade do lar campesino !

A infancia de Sampaio decorreu n'este ambiente, farto de sol e de luz, batido do ar do campo e do mar, que ora se bamboleia maciamente, espreguiçando-se, ora estoira e escarva nos areaes da praia visinha. Assim se preparava e fortalecia aquella organização de aço, ao conspecto bravio do oceano, para as luctas rijas do fusil e da penna, ao mesmo tempo que as sorridentes paisagens, animadas pelos labores pacientes do homem, lhe imprimiam na alma, docil como vime

e tenra como cera, branduras de coração e amenidades de trato, sem entibiar-lhe a fé nem quebrantar-lhe a firmeza e a serenidade ainda nos transees difficeis.

O ensino das primeiras letras houve-o elle, officiosamente, das affeições de um bom padre de Betinho, aldeia proxima da sua. Era este o implumar da aza para mais rasgado vôo. Outro padre das Marinhas, succedendo ao primeiro mestre, patenteou-lhe, na lucida e erudita interpretação dos classicos latinos, os veios riquissimos da antiga civilização pagã. Tambem este virtuoso sacerdote, dedicando-se desinteressadamente ao seu alumno, se dava por bem pago do serviço com vêr quanto rapidamente medrava e abundantemente florescia, sob a sua direcção, este filho do seu espirito. A devoção particular de homens de boa vontade pelos progressos e diffusão das boas letras suppria, n'este caso e em tantissimos outros, a inópia dos pais e o obscurantismo inconsciente ou systematico do governo. Bons tempos. . . que Deus aparte!

Examinado o imberbe estudante, aos quinze annos de idade, por capuchos e carmelitas de Vianna do Castello, esteve a pique, instado pelos reverendos, de encadernar-se no habito de fr. Antonio. D'esse quasi desastre o livrou o amor de mãe, com o admiravel instincto, que tudo adivinha, e as brandas instancias, que tudo vencem. Não o disputava ao serviço da religião, a santa alma! Sómente não lhe parecia bem, nem do agrado de Deus, que se roubassem os filhos ás mães e se fizessem d'elles, depois de os envolver na estamenha do frade, uns *dilettanti* do canto-chão. Se invocavam, para isto, o nome de Deus e o augmento da religião, mentiam.

Assentou-se a bom concerto dos pais e do filho,

que a carreira preferida fosse a de padre secular. Tomou o estudantinho ordens menores em 1821, abriu corôa e prégou, obtida licença especial para o ministerio do pulpito.

Estudou logica em Vianna, humanidades e theologia em Braga. N'este versar de letras sagradas e profanas se passaram os annos de 1823 a 1825, depois dos quaes voltou á companhia dos seus, abrindo na terra natal, gratuitamente, aula das disciplinas que aprendera. Ali, onde ninguem negava mãos ao trabalho, as creanças pastoreando o gado, as mulheres nas lides caseiras ou no campo, os homens atrelados á raça do arado, exercendo officios mechanicos, forçando o remo e affrontando as asperezas da vida do mar, não lhe soffria o animo que só elle ficasse ocioso. Não sabendo fazer outra coisa, ensinou. Estava no seu posto; era luz, irradiava.

Entregue a estas graves occupações, sem o estimulo do interesse ou da gloria, chegou o tempo de tomar ordens sacras e dispoz-se para recebê-las. Contra-tempo imprevisto: a igreja primacial dos arcebispos não o admittiu á honra do sacerdocio! Seria que lhe faltasse sciencia e compostura nos costumes? D'isso tinha até de mais, e d'ahi lhe veio talvez o ter sido refugado. A rigida austeridade de Catão, o sublime stroicismo de Scevola e Curcio não eram a seus olhos virtudes vãs, e tudo lhe persuadia que se podia amar a Deus sem desamar a liberdade.

A luz que transmontava no Oriente, derramada pelos enciclopedistas, não lhe parecia luz do inferno. A revolução franceza, de que as constituintes portuguezas de 1821 eram reflexo, tinha, emergindo de um mar de sangue, lavrado as tabuas da Lei Nova na

declaração dos direitos do homem, e este evangelho do mundo moderno achara no levita *in minoribus* um neophito consciencioso e convicto. Podia lá ser? Podia acaso um jacobino declarado, suspeito que fosse, ingressar na confraria piedosa dos que sentiam pungir-lhe a saudade das fogueiras do santo-officio? Estavam em preparação os nodosos cacetes — santo lenho! — as alçadas, as masmorras e o patíbulo. Esperasse. Elle teria o seu quinhão na larga partilha.

Ainda Antonio Rodrigues Sampaio não tira nem põe rei, encerrado n'aquelle recanto do seu poetico Minho. Senão quando, na manhã de 1 de novembro de 1828, festa de Todos-os-Santos, penetram soldados de D. Miguel, vindos de Braga, na igreja matriz de S. Bartholomeu do Mar. Buscam dois criminosos politicos, o velho parcho e Antonio Rodrigues Sampaio, seu afilhado, e apanham-os *in-flagrante* delicto, o padre, de dizer missa, e o outro, de ajudal-o! O altar e o throno, assim vilipendiados, desaggravam-se terrivelmente. O respeitavel sacerdote responde no firo ecclesiastico, e Sampaio, lançado em ferros de el-rei nosso senhor, no Aljube do Porto, espera ahí o julgamento da alçada, que o manda pôr em liberdade a 21 d'abril de 1831. Dava-lhe por expiado o crime com o tempo de prisão, mas ordenava que ficasse sujeito á vigilancia da auctoridade. Meiguices, suavidades do systema! Sobreveio a entrada do exercito libertador no

Porto, a 9 de julho de 1832, inicio da grande epopeia do cerco. Sampaio, que a esse tempo trabalhava e estudava em Barcellos, no escriptorio do advogado Ferreira Tinoco, illustre preso com quem travara relações de intima amizade no Aljube, acudiu a alistar-se no regimento de voluntarios da rainha. Sabe-se a quanto sangue, generosamente vertido, a quanto esforço, bravura e heroicidade deveu o exercito liberal a victoria que teve n'uma lucta desigual, titanica, de um contra sete ou mais. Não havia fracos ali, não podia havel-os. Tudo persuade que Rodrigues Sampaio, que nunca padecceu desaire em pontos de honra e briô, se houve como soldado valoroso, ennobrecendo-se a si e á causa que defendia. Se a historia d'essa crudelissima pugna entre filhos da mesma patria não registra que elle se assignalasse na matança de portuguezes, seus irmãos, abençoemos por isso a sua memoria.

Por entre o bramir da artilheria e o granizar de balas que se trocavam entre os dois arraiaes inimigos, travava-se outro genero de combates, áquella hora incruentos, no campo dos liberaes. Levantavam uns a Carta nos seus escudos, prétendiam outros que prevalecesse o codigo politico instituido pelos representantes do povo nas constituintes de 1820-21. Não era o duelo da liberdade, essa arvoravam-na os dois campos por bandeira; era uma lucta de principios sobre o direito de instituir, outorgar e regular essa mesma liberdade, isto é, sobre a origem dos poderes.

D'um lado estava o duque de Bragança, servido pelos seus parciaes, adjudicando-se, com a outorga da Carta, a faculdade e prerogativa soberana; do outro, disputando-lh'a, o partido liberal avançado, que não reconhecía soberania que não proviesse do povo.

A opposição, que já vinha travada da França e da Belgica, recresceu e azedou-se durante o cerco, apesar das fadigas militares, sendo a *Vedeta da Liberdade* redigida pelo beneditino Antonio do Carmo Velho de Barboza, abba de Balbom, o órgão dos dissidentes. N'essa folha, lealmente hostile ás pretensões do paço da Torre-da-Marca, é que Sampaio fez as suas primeiras armas litterarias, transitando de revisor e traductor a principal redactor politico. Não deve admirar que, finda a guerra, tivesse por accrescentamentos, em premio de serviços, o emprego de guarda da alfandega do Porto, com seis magros tostões diarios. Não gosava o favor nem a privança dos aulicos, mas basejavam-no as auras da opinião. Estava armado cavalleiro na ala brilhante dos luctadores da penna, e as suas esporas d'oiro ganhava-as o jornalista honradamente, por esforço proprio, defendendo fervorosamente contra poderosos as franquias populares. Se não contavam agora com elle, tempo viria em que lhe reconhecessem e aproveitassem o valor. Tempo ao tempo!

Apropositou-se a occasião. A causa que sustentava teve energicos propugnadores no parlamento. Manuel Passos, um rei da palayra, e o marechal Saldanha, uma espada victoriosa, reivindicavam o direito constituido e proclamado em 1822 e a sua voz vibrava em eccos sympathicos na alma da multidão. Foram corolario d'esta campanha a revolução de Setembro de 1836 e a dictadura que se lhe seguiu. Manuel Passos, alma d'aquella situação e ministro do reino, justo apreciador dos merecimentos de Sampaio, tirou-o da espionagem do fisco, trocando-lhe essa posição humilhante pela de secretario geral da administração de Bragança. N'esta nova posição, o funcionario deu mais e melhor

do que se lhe pedira. Sendo secretario de direito, administrou o districto de facto, na ausencia dos chefes, e de tal modo se houve, tal era o seu tino prudencial, recto sem deixar de ser conciliador e tolerante, que ao partir d'ali em 1839, por ter sido nomeado administrador geral do districto de Castello Branco, não conhecia um inimigo!

A boa estrella do setembrismo declinava, e com ella a carreira administrativa de Sampaio. Saltaram os ventos da politica para o quadrante do cartismo, e tão rapida foi a mutação, que Sampaio teve noticia da queda do gabinete Ribeira de Sabrosa, quando ia a caminho do districto que o ministerio demittido lhe confiára. As influencias locaes debatiam-se furiosamente em Castello Branco, repicava rijo o campanario e não tardou que se travasse conflicto de auctoridade entre o administrador geral e a camara da cidade. Rodrigo da Fonseca Magalhães, então ministro do reino, dirimiu a pendencia contra Sampaio, demittindo-o. Fez-lhe um serviço. Quebrára a penna do burocrata e aparava a do publicista. A partir d'este facto começa para o eminente escriptor a quadra mais brilhante e mais gloriosa da sua vida.

A *Revolução de Setembro* tinha no seu fundador, o grande tribuno José Estevão Coelho de Magalhães, um dos mais fogosos e valentes paladinos do partido das reivindicações populares. Vinha ella, como o seu

titulo indica, do movimento democratico de 1836, que por sua vez derivava dos principios revolucionarios estatuidos pelas constituintes de 1820 e sustentados no Porto, durante o cerco, pela *Vedeta da Liberdade*. O consorcio de ideias entre José Estevão e Sampaio era intimo. Associaram-se, e a *Revolução de Setembro*, com estes dois poderosos athletas, attingia um alto grau de pujança e de esplendor.

O governo lançára-se abertamente no caminho da restauração da Carta. De passagem ia restaurando tambem as sinecuras. Triumphava o ordeirismo em toda a linha, mas as propostas aprovadas no parlamento eram vivamente combatidas na imprensa liberal. Occorreu então o expediente dos processos judiciarios, sob o mais futil pretexto. «O jury, escreve um illustre contemporaneo, (1) absolvía, a relação confirmava, o supremo tribunal de justiça tambem, mas o jornal, obrigado a grandes despezas, ficava arruinado. Era desigual a lucta entre a fortuna particular e o cofre do estado.»

A grandes males, grande remedio. Suffocada imprudentemente a voz da imprensa, appellou-se para o supremo argumento da força. O pronunciamento de Torres Novas, em que tiveram parte José Estevão, Cesar de Vasconcellos, depois conde de Torres Novas, e o conde de Bomfim, ex-presidente do conselho, ex-ministro da guerra e antigo chefe de estado maior de D. Pedro, acabou por capitulação, assignada em Almeida. José Estevão teve de emigrar, e Sampaio, que

(1) A. A. Teixeira de Vasconcellos: *O Sampaio da Revolução de Setembro*.

licára em Lisboa, continuou a dirigir o jornal nas circumstancias que refere o escriptor já citado, A. A. Teixeira de Vasconcellos:

A imprensa suspensa durante a guerra civil devia volver á sua primitiva liberdade no dia 25 de maio de 1844. O governador civil de Lisboa, que era então José Bernardo da Silva Cabral, irmão do ministro do reino, ordenou que os jornaes se habilitassem de novo. Obedeceram alguns. Sampaio recusou: porque sendo as habilitações feitas perante a justiça, o poder administrativo carecia de auctoridade para as invalidar. Elle bem sabia que o periodico, que dêra á revolta o seu chefe politico, não podia contar com o favor do governo, porém o que Sampaio desejava mais era dar ao seu partido um exemplo de resistencia legal, e obrigar o governo a tomar medidas violentas, que indispozessem contra elle a opinião publica. Os riscos eram grandes. Melhor. Mais proveitoso havia de ser o exemplo. A *Revolução* continua a publicar-se sem habilitações novas. No dia seguinte são presos os distribuidores, a imprensa é sequestrada, os compositores e os impressores vão dormir na cadeia, a officina fecha-se, sellam-se as portas, e a policia mette as chaves na algibeira, mas o periodico não cessa; os assignantes recebem-o; os curiosos encontram-o nos cafés; os proprios ministros deparam com elle em toda a parte. A policia corre á direita e á esquerda, pergunta, espreita, perscruta, mas não descobre durante 11 mezes e 4 dias onde elle se imprime, nem onde param os redactores!

O Pombal do constitucionalismo, Costa Cabral, via assim frustrados os seus planos de repressão violenta. Não attentara o rigido beirão, hirto como os alcantás da sua provincia, que os tempos eram outros e que não tinha ahi, no caes do Sodré, o argumento da forza, terrivel, dominativo, para avassalar vontades. A geração que pretendia submeter ao seu imperio, educada no espirito de rebellião desde 1820, recebera o baptismo de sangue na epopeia formidavel do cerco. Se nem os trabalhos da emigração, nem os flagícios dos carceres hediondos, nem o decapitar de cabeças de que o governo do conde de Basto fizera ceifa abundante, se

nada d'isso conseguira dobrar-lhe a cerviz, como pôde imaginar Costa Cabral que levaria de vencida os adversarios, que eram muitos, varridos pelos seus caceteiros?

*
* *

La frir-se o prelio eleitoral de 1845, de cabralina memoria. Das cinzas da revolta de Torres Novas, a que Manuel Passos chamára a «bambochata», nascera a alliança das opposições. O programma era o antigo *Manifesto* da colligação com o discurso de Manuel Passos, em 18 de outubro anterior. Tudo a postos! Em Lisboa reuniam-se Mousinho d'Albuquerque, Aguiar, Sá da Bandeira, Herculano, José Maria Grande, Marreca, Rio Maior, Jervis e Garrett; José Passos tinha o Porto; Bertandos o Minho; Povoas, que não annuira á abstenção ordenada por D. Miguel, da Guarda mandava na Beira; o conde de Mello em Portalegre; Manuel Passos e o barão d'Almeirim, em Santarem (Macedo, *Traços*). A *Coalisção*, órgão das opposições, suspirava threnos apaixonados e ardentes. Agora dizia :

Ha no paiz muito home n que não sabe ler. Ha muito homem que sabe ler, mas não lê. Ha muito homem que lê e não entende. Ha muito homem que lê e entende, mas que tem medo, que é vil como um porco e cobarde como um veado. Ha muito homem que vê as desgraças publicas, mas não as quer remediar; ou porque treme de susto, ou porque ganha com a *carrapata*.

Aos que vivem da sopa gorda, da olha podrida do orçamento não ha que dizer... Folgam com as listas de côr, de carimbo e de tarja, morrem pelas transparentes. Fingem que vão coactos, mas vão contentes. Votam pela comezana: gostam da boa fatia do pão do nosso compadre Povo. O' Costa Cabral! quantas vezes terás tu dito como Tiberio, vendo estes poltrões, estes

sanchopanças da liberdade: *ó homines ad servitatem parati!* (*Coalizão*, 10 de janeiro.)

Logo, mudando de tom:

Á urna! á urna! abaixo todos os ladrões e comedores! Empregados, ladrões, falsarios e prevaricadores, votai com o governo; não vos queremos. Tratantes! pertenceis de corpo e alma ao ministerio. (*Coalizão*, 15 de janeiro.)

Emquanto os homens da opposição alliada assim rethorisavam, o aventureiro de Fornos d'Algodres montava a maquina e applicava-lhe a força propulsora, estimulado pelos incitamentos do paço. «A rainha — escreve o snr. Oliveira Martins, *Portugal Contemporaneo*, II — entregára-se nas mãos do seu homem novo, em quem via afinal uma coragem e uma força: ella que se fosse homem, faria o mesmo, — ou mais ainda por ser monarca. O plebeu ministro não tinha a força para resistir ás tentações da vaidade palaciana; não via que as honras com que a rainha o exalçava, o diminuiam no espirito commum. A sinceridade democratica do povo e a inveja dos ambiciosos juntavam-se para ridicularisar o *parvenu*. A fortuna que juntara no poder, alvo de tantas accusações, permittira-lhe comprar as terras de Thomar, com o velho castello templario, onde o moderno burguez afidalgado, occupando as salas historicas povoadas de romanticas sombras de cavalleiros, as enchia de banaes festas por occasião da visita da sua liberal soberana:

Na cathedral de Lisboa
Sinto sinos repicar:
Serão annos de princeza?
D'algum santo o festejar?
É a rainha que parte
Té ás terras de Thomar.

.....

Em vez das armas antigas
 Dos nobres valentes Paes,
 Na fachada, sobre o portico,
 Vêem-se hoje as dos Cabraes
 Que em seu campo ensanguentado
 Por brazão têm tres punhaes. »

Costa Cabral não tardou que dêsse razão á *Xacara da visita da rainha*. Ferveu a trica; espalhou-se a corrupção; brandiu-se o cacete; correu sangue; houve descargas cerradas de fusilaria em Alvarães e Porto-de-Moz. Para Villa Franca foi maruja e artilheria! A final venceu a carta, venceu a causa da *ordem*. Porque não haviam ellas de vencer? Somente á victoria, alcançada por taes meios, respondiam os eccos repercutidos nas quebradas das serras do Minho: *Abaixo os Cabraes! abaixo as papeletas!* E as papeletas da contribuição de repartição, uma das poucas medidas equitativas d'esse governo, ardiam em autos-de-fé. E os irmãos Cabraes, demittidos por conselhos do duque da Terceira, fugiam do reino para Hespanha, homisidados como reus!

Era a Maria-da-Fonte, um mitho armado, que passava triumphante!

*
* *

A *Revolução de Setembro*, que se empenhara activamente na lucta contra o conde de Thomar, apoiava o novo gabinete liberal, presidido pelo duque de Palmella. A popularidade de Sampaio e a sua reputação de escriptor estendera-se a todo o paiz. Palmella, sa-

bendo quanto valia aquella penna prestigiosa, quiz dispor-a a seu favor, mandando offerecer a Sampaio o logar de secretario geral do governo civil de Lisboa com a mesma graduacão dos governadores civis do reino. Rejeitada esta offerta, veio outra: fundar-se um jornal com imprensa propria, e subvenção particular do duque durante um anno. A propriedade das duas coisas seria de Sampaio, se, findo o anno, o jornal prosperasse. No caso contrario, uma pensão vitalicia, paga do bolso particular do duque, lhe garantiria um futuro independente. (Teixeira de Vasconcellos: *O Sampaio da Revolução de Setembro*). A rejeição d'esta proposta, feita a um homem que vivia exclusivamente do seu trabalho de redactor, não se fez tambem esperar. As suggestões do interesse proprio, do commodo, do regalo, ainda apresentadas em taça d'oiro por mão d'amigos dedicados, não tinham poder n'aquelle caracter integro e honesto, digno dos bons tempos de Castro. Alma de tão rija tempera não podia amollecere na hora em que a patria reclamasse o seu sacrificio.

*
* *

O golpe de estado de 6 d'outubro soára como clarim de combate nos arraiaes setembristas. A rainha chamára pelas 10 horas da noite o duque presidente do conselho ao paço, e fechando-o por sua propria mão n'uma sala, obrigou-o a assignar o decreto da sua demissão e o da nomeação de Saldanha. (Sr. Oliveira Martins *Portug. Contemp.*) Preparava-se a restauração do

cabralismo, e o partido liberal, sentindo-se offendido nos seus brios e esbulhado dos seus direitos, parapeitou-se no seu baluarte, o Porto, e entregou de novo a sua sorte ao azar da guerra civil.

Estava reservado a Sampaio um papel singular n'este drama. O governo de Lisboa ordenou que fosse preso e Sampaio pôde frustrar-lhe o intento, occultando-se. Viu-se então sahir da sombra, terrível, ameaçador, como fantasma que viesse d'além-tumulo condemnar os erros e prevaricações de todos, uma folha de combate, o *Espectro*. O jornal, impresso escondidamente a bordo d'um navio surto no Tejo, apparecia a todos e em toda a parte. Os ministros encontravam-o em casa e nas secretarias, ou recebiam-no em carta pelo correio; nos theatros, nos cafés, nas ruas, nos passeios, mãos visiveis o espalhavam com profusão (Teixeira de Vasconcellos, o *Sampaio da Rev. de Setembro*.) Vehemente, aggressivo, por vezes contradictorio, nem sempre justo, jogava contra tudo o existente ao modo das antigas catapultas:

Estão em presença dois principios, o popular e o pessoal. Mas o governo pessoal não triumpho e o principio revolucionario vae supplantal-o. O que fica sendo uma realleza vencida? Que prestigio pôde ter um rei que desembainha a espada ferrugenta, e que depois é obrigado a despir a farda no meio da rua? A realleza vilipendiada não é sómente inutil, é um mal. O paço é incorrigivel: conspira sempre. Uma rainha que se declara coacta seis mezes em cada anno não é rainha... A purpura dos reis tem servido para varrer a immundicia dos palacios e dos cortezãos mais abjectos. (*Espectro*, o estado da questão).

Tem-se dito que Sampaio, no vigor da arremetida, não respeitara as virtudes domesticas da primeira senhora portugueza. Não é exacto. O voluntario da rainha revela-se primoroso n'estas palavras:

Para que é incitar o povo a que entre no palacio dos nossos reis e ali pratique acções de cannibae? O paço dos nossos reis é um fóco de corrupção politica, mas não o é de corrupção moral. Não ha rainha mais virtuosa como esposa, nem como mãe de familias. (*Espectro* n.º 27).

A onda revolucionaria, com ter ameaçado galgar tão alto e alagar tudo, quebrou-se de encontro á intervenção anglo-hespanhola e esmoreceu na convenção de Gramido. Os vencidos poleram dizer: «Perdeu-se tudo, menos a honra.» Poderiam dizer outro tanto os vencedores? «A cõrte, o ministerio, o rei — escrevia o *Espectro* — tudo isso desapareceu. Não cahiram ás nossas mãos, que nol-as ataram; mas sumiram-se na voragem d'um protocollo. Isso que ahi se chama rei é um espantallo, os ministros são os lacaios de lord Palmerston. Foi a rainha, foram os Cabraes, quem nos vendeu, quem nos trahi.» A paz que se obtinha por este preço, não penetrava nas almas, parava na superficie. Nem isso! nem sequer offerecia o aspecto das colinas risonhas, assentadas no dorso do volcão em trabalho. A sua duração devia ser a duração dos ephemeros.

*
* *

Na cõrte não se teve consciencia da situação em que ficára o paiz. D'outro modo, não viria o desfecho como nos dramas sacros, com vista da gloria — a restauração dos Cabraes. Os protestos irromperam no parlamento e na imprensa. D'aqui veio a mordaga, a lei das rolhas. Impenitente no erro, voluntarioso, duro, impertigado, o conde de Thomar acabou de desgostar muitos

dos seus, sem exceptuar o duque de Saldanha a quem tiraram todos os cargos, incluindo as funções de alto dignitario do paço. A provocação, sobre audaciosa, foi imprudente. O homem de ferro cahia como peça inteira, para nunca mais levantar-se, deante do pronunciamento do Porto, em abril de 1851, e a reforma da Carta, laço de união entre cartistas moderados e progressistas, traduzia-se, amesquinhada, rachitica, no acto adicional.

Antonio Rodrigues Sampaio foi então eleito deputado, tomando pela primeira vez assento na camara popular como representante de um dos circulos de Lisboa, mandato que lhe foi renovado até 1858. Entrava em novo caminho, ouriçado de abrolhos, cavado de precipicios. Na imprensa brilhára como astro de primeira grandeza; agora, no mundo lodacento dos negocios, arriscava-se a ser arrastado como satellite.

Nomeado em 1859 vogal conselheiro do tribunal de contas; em 1870 ministro do reino, no gabinete Saldanha, o dos *cem dias*, e logo no gabinete Fontes, que lhe succedeu; restaurado na situação do *mientras vuelve* em 1879; encarregado em 1881 da presidencia do conselho de ministros e da pasta do reino, deixou de ser um consagrado para ser um discutido. Entrára no numero dos eleitos, faltava-lhe a aureola dos perseguidos. Governou... como póde governar um homem honrado que viu fugir-lhe nas azas do desengano uma boa parte dos seus ideaes e crenças d'outr'ora. Legalidade e liberdade, eis a sua divisa, e a sua bagagem d'estadista. Feliz em não ter lacerado nos matagaes da administração publica a sua reputação de sabedor, justo e probo, que o tornou digno da nobre investidura. El-rei, que fiou da sua lealdade,

agraciou-o com os arminhos de par, acrescentando a mercê com a carta regia em que reconhece os seus relevantes serviços.

*
* * *

Havia n'este homem illustre, segundo depoem os que de perto o trataram, alguma coisa de santo. Tinha o culto da familia, os singelos costumes do filho do povo, a sua desceremoniosa franqueza, leal no conselho, coração aberto para todos. A sua morte, em Cintra, a 13 de setembro d'este anno de 1882, foi geralmente sentida, e o seu funeral um dos mais lusidos que se tem visto em Lisboa.

O feretro, conduzido em coche da casa real, era acompanhado por numerozo sequito a pé. Na frente ia uma deputação de creanças das escolas populares e outra de membros de direcções de associações operarias. Concorria todo o ministerio, altos dignitarios, pares do reino, deputados, representantes de todos os jornaes e d'alguns centros politicos, a camara municipal e representantes das pessoas reaes.

A imprensa, em artigos que publicou e em discursos junto á sepultura, pagou ao decano dos jornalistas portuguezes o tributo da sua admiração e saudade.

Era devido este preito áquella realza extincta. Sampaio póde não ter tido — não affirmo nem nego — a estatura d'um grande estadista, mas foi sem duvida a incarnação d'essa força nova que ha-de renovar o mundo — a imprensa. Com o invento de Guttenberg

não haja medo que a civilização moderna padeça os eclipses das civilizações antigas. Multiplicou-se o livro, levaram-se a toda a parte, em folhas volantes, as quentes vibrações dos cerebros privilegiados. O pensamento adquire a velocidade dos corpos cahindo; augmenta na razão do quadrado das distancias percorridas. Os resultados estão ali patentes, vêm-se, exemplifica-os Sampaio. Nasceu pobre, houve a instrução por esmola, padeceu, luctou, morreu pobre. Não obstante, começando por mestre de meninos e por vestir o uniforme de guarda da alfandega, acabou com honras de presidente de ministros e baixou ao tumulo ostentando os arminhos de par e grande do reino. Quem fez isto? A imprensa, a alavanca de Archimedes, se tem por ponto de apoio a justiça. Teve um sceptro, elle! a penna. Foi principe do seculo futuro.

Oliveira Ramos

Redactor do «Primeiro de Janeiro».

RUINAS

(1822-1882)

O viajante que, hoje em dia, entra em Vianna, pela linha ferrea do Minho, tem, ao assomar ao grande aterro de Darque, um espectáculo unjeo que lhe prende a attenção. Esse espectáculo cifra-se na formosa ponte metallica do Lima e nas margens viridentes e melancolicas d'aquelle antigo rio de saudades e terrores.

Em geral, ninguem attende a mais nada, nem mais coisa alguma se observa. Se o grupo de viajantes porém é composto de livres pensadores, philosophos baratos que fizeram as suas letras a francos e a preço de manhas e astucias asquerosissimas, a suave contemplação das maravilhas da industria e da belleza das aguas é apenas quebrada por alguma chufa callica ao avistar-se, ao longe, acaso ao fundo de uma quebrada ou sumida no meio de uns tristes arvoredos, qualquer capelinha ou ermida que pertenceu a mosteiro já extinto.

É commodo, entre nós, por taes processos, passar por espirito atilado, sobretudo em viagem,— genero de

diversão, que imprime ao personagem, consoante a estância que occupa, uns tons de celebridade, que a toleima nacional aviventa e aquece.

Se não ha porém, na carruagem que nos coube em sorte, nem philosophos nem caixeiros; se a companhia é dos poucos que observam, contemplan e rememoram, sem outro confidente mais que o proprio espirito ou o sóro das suas grandes saudades, alguma coisa deve haver, ao entrar na cidade que um dos maiores luminares de Trento escolheu para sepulchro, que prenda a attenção dos viajantes esclarecidos.

Passada a ponte, quasi na vertente da vasta facha de parede que ampara, sobre o lado do rio, aquillo que foi convento do Carmo, á frente do qual, como cabeça d'aquelles escombros, está a igreja, — um pensamento mystico do seculo xvii, com azas para o poente, como na invocação d'aquella prece de David *«Locati oculos meos in montes, unde veniet auxilium mihi»* (*) —: ahí, devem ser observadas, quasi no extremo onde acabam os dormitórios e começavam as officinas do claustro e da portaria, duas aberturas, em lance de frestas, que mostram ter sido janellas, defendidas hoje por uns tres varões de ferro, alquebrados, torcidos, gastos da implacavel lima do tempo. Aquellas portadas deitam para um palheiro, um covil, um grabato ou coisa semelhante. Não tem portas que lhe defendam os insultos do sudoeste, que lhe entram por ali dentro com uns assomos de raiva covarde, despedindo largos mantéis de chuva sobre os remendos sórdidos do pavimento viscoso. No entanto, n'aquelle antro, n'aquillo que hoje é covil, — sobre umas bancadas largas e espaçosas, que meu pae me mostrou ainda ha vinte e oito annos, por

(*) Ps. cxx. 1.

um dia tristíssimo como o de hoje, — assentava-se, ha sessenta, Antonio Rodrigues Sampaio, para aprender a philosophia da bocca de um padre, fr. Sebastião da Anunciação, — aquelle que, cheio de virtudes e allumiado pelo clarão das mais seguras letras, veio a acabar Commissario Geral da Bulla, depois de ter sido sagrado bispo de Angola.

Lia por aquelle tempo ali a philosophia esse homem doutíssimo, cuja vida passou como um relapago e se apagou no mundo como um exemplo. Era o seu leitorado particular, á semelhança do que, por semelhantes dias, praticavam os capuchos, no seu convento do Santo Antonio, para proveito do coristado e dos noviços. Com caracter publico só em 1825, — já quando Sampaio cursava a theologia em Braga, é que fr. Sebastião abriu a sua grande escola, onde meu pae teve a rara fortuna de o ouvir, n'aquella mesma estancia onde a chuva fria do inverno vem hoje gemer as suas ironias tristes e dolentes.

Que os que não são philosophos, nem livres pensadores, nem positivistas por instincto meditem na extranha ordem das coisas d'este mundo, no transecurso de sessenta annos!

Eis por que a vilhice é triste.

Vianna, 1 d'outubro de 1882, por um dia tristíssimo.

José Caldas,

Redactor principal da *Actualidade*.

PRO ARIS ET FOCIS

Quem é que orienta e guia a sociedade?
Quem lhe dá salutar incitamento,
E às obras gigantescas do talento
Concede a justa luz—Celebridade?

Qual é, sim, a moderna potestade,
Esse grande e fortissimo elemento,
Que a toda a parte leva o pensamento
E em toda a parte induz á Liberdade?

Essa força que os povos illumina,
Que rasga da ignorancia a bruma densa,
E avassalla os imperios e os domina;

Essa força indomavel, força immensa,
Poderosa alavanca diamantina,
É o emporio da Ideia, o deus—Imprensa!

Porto, 28-9-1882.

Julio Gama,
Redactor da *Actualidade*.

PRÓTEO MODERNO

A mythologia falla de Proteo, filho do Oceano e de Tethys. Foi dotado, logo que nasceu, do conhecimento do futuro, sobre o qual se explicava, quando a isso o constringiam. Tinha o poder de mudar de corpo, e de tomar todas as figuras que queria. Apareceu, como espectro, a Tmolo e Telegono, gigantes de inaudita crueldade, e de tal sorte os amedrontou, que desistiram da sua barbaridade. (*Virg. Georg.*)

Antonio Rodrigues Sampaio nasceu á beira do oceano n'uma pequena orla de terra, e sua mãe, á semelhança de Tethys, sacrificou-se por seu filho fornecendo-lhe as armas para o combate:—os grandes homens devem tudo ás mães.—Não tinha o conhecimento do futuro, predicado dos deuses, mas a intuição miraculosa, predicado do genio. Não sei se mudou de corpo, mas o que se póde asseverar é que a sua vida apresenta diferentes phases ou figuras. Publicou o *Espe-*

ctro, e se não amedrontou gigantes de inaudita crueldade, conseguiu amedrontar aquelles que queriam assassinar o Direito e a Justiça.

A metempsychose...

..

A historia dos vultos legendarios passa deformada — mais pela phantasia dos admiradores que se succedem do que pelo linar tardo dos seculos:— todos querem collocar uma pedra no monumento e sobrepujam, consequentemente, a alluras gigantes os *encastados* humanizados:— a historia de Antonio Rodrigues Sampaio, Proteo moderno, corre desfigurada attingindo tambem as proporções e caracter d'uma lenda popular. Já ouvi dizer que Antonio Rodrigues Sampaio fôra entregador de folhas...

Quando o homem sae da estreiteza d'um viver calcinado de privações, onde apenas as consolações do trabalho scintillam no negrume do soffrer concentrado e heroico, e se eleva pelo merecimento e energia proprios ás esphéras inacessiveis ao vulgo, este, vencido de admiração, quasi que solta diante do trabalhador sublime o *ave Cesar!*

..

O sonhador de Nazareth, que ao som aspero da garlopa instrumentando a grande orchestra do futuro, nasceu tambem n'uma esterilidade de meios e n'um lergo de palhas desnudo do linho alvissimo da opulencia; — mas o acanhado do horisonte, que não podia conter os vôos allivos da aguia, foi-se dilatando, dilatando, recebendo cada vez mais claridad e sons, até se confundir com a curva do infinito, a grande trajectoria do genio. O sonhador de Nazareth foi a hostia do Golgo-

tha, o trabalhador humilde o fundador da religião da caridade.

Antonio Rodrigues Sampaio não possuía nenhuma das virtudes sublimes do Mestre,—o seu tecido adiposo tello-ia asphyxiado na via dolorosa sob o peso da cruz; mas em todo o caso teve também a sua, e deixou as bases para uma religião, a religião da fraternidade por meio da associação.

Eis uma pagina do seu *evangelho*:

«Vivia Lisboa a vida de quasi todas as cidades. A praça, os passeios, os theatros, os bailes—passatempo dos felizes; a fome, as angustias, os incommodos, as inquietações—apanagio das classes pobres. Um ria sem ninguem o incommodar, o outro chorava sem ninguem o attender. Era commum o rir e o chorar, e era vulgar a fome e a prodigalidade, era banal a miseria e a opulencia. A multidão nutria-se dos contrastes, e o pobre tinha razão de amaldiçoar a sociedade.

«A morte apparece e não poupa ninguem. Nivelam-se as condições. Todo o barro veiu do campo damasceno. Rico, de que te servem os teus haveres, se és fragil como o pobre? Pobre, por que lamentas o teu estado, se a riqueza te não dava mais uma hora de vida?

«Quando todo o individualismo se sumiu, quando o oiro não salvou o rico, quando a miseria não prejudicou o pobre, é que a humanidade se levantou, se enobreceu, se fez solidaria, obrigando-se todos por um e um por todos, sendo cada um atacado no seu vizinho, e concorrendo para a salvação d'elle. «Não é homem que o homem esteja só», disse Deus quando formou Adão, e a proposição será verdadeira até ao fim do mundo.

«Fizeram-se milagres. Deus multiplicou os haveres

dos pobres para acudirerem a seus irmãos afflictos. Não pôde deixar de admirar-se como associações pobres, povoações pequenas, homens sem poderio, reuniram sommas relativamente grandes, moralmente efficacissimas, pondo em commun os seus teres, e fazendo de todos elles uma só bolsa.

«É um grande espectáculo este que se observa; grande para quem está no ponto em que nós estamos, para quem tem visto desaparecer d'um dia para o outro, conhecidos, parentes, amigos, e todas as affeições mais ternas:—grande para quem contempla estas sublimes virtudes, que se desenvolvem, que estreitam os laços sociaes, que demonstram o desaparecimento do antagonismo das classes, que provam a excellencia das instituições de previdencia, que condemnam o individualismo interesseiro, que exaltam a communidade, a associação, o interesse de todos sobre o interesse mal entendido de cada um, que põe em commun o prazer e a dôr, a abundancia e a miseria, a falta e o superfluo, a vida e a morte.»

«O *Espectro* não está sujeito ás leis da terra. Desprezado de toda a ligação com os homens, não lhe importam os seus preceitos. Sombra nua das victimas atormentará sempre os seus oppressores.

«O *Espectro* só obedece a Deus—a elle só. A sua voz é como a do archanjo. As hyerarchias desaparecem diante d'elle, o palacio do rei não tem mais privilegio que a cabana do pastor, a inviolabilidade some-se, e o *redde rationem* do Evangelho não tem excepção a favor de nenhuma familia.

«Inviolavel, respeitavel só é a virtude.

Se Antonio Rodrigues Sampaio, na hora solemnis-
sima do passamento, perguntasse como o vencedor dos
Cantabros «se havia representado bem o seu papel», ter-
lhe-iam respondido os admiradores n'um côro unani-
me, sylthese de grande affirmacão do paiz:

Chora-te a patria e admira-te.

Sousa Moreira.

Redactor da Actualidade.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

No dia 13 de setembro de 1882, finava-se em Cintra Antonio Rodrigues Sampaio, o primeiro e o mais antigo dos jornalistas portuguezes.

Com essa morte o paiz e a Liberdade perderam um de seus mais estrenuos defensores.

Se a opinião tivesse soberanos, o jornalista, cujo trespasso chora hoje o paiz inteiro, houvera reinado sobre ella. A opinião porém conta apenas escravos ou eleitos, e Antonio Rodrigues Sampaio representou-a, não querendo nunca avassallar-a.

Durante mais de quarenta annos procurou a verdade, para bem da sua patria, presentiu a opinião, comprehendeu-a, dirigiu-a, mas sempre que lhe pareceu ver prevalecer o erro, longe de se curvar, reagiu contra elle.

E reagiu, porque Antonio Rodrigues Sampaio nem admittia as ideias já feitas, que trazem e levam as marés populares ou aristocraticas, nem tão pouco essas

restricções inaceitaveis offerecidas á independencia de seu espirito pela submissão alheia.

Havia um meio unico de lhe impôr uma opinião: era convence-lo, ainda que não fosse senão com os argumentos da disciplina partidaria. Alguns querem vêr n'isto uma fraqueza; nós entendemos ser ainda uma virtude. Como conceber a existencia, a força, a vitalidade de um partido, sem a disciplina?

Hoje que Antonio Rodrigues Sampaio já não é d'este mundo, principia para elle o julgamento da Historia.

A critica não deixará de escarpelisar a vida d'esse athleta da politica e do jornalismo, e forçoso é reconhecer que algumas vezes o fará com justiça.

As evoluções d'essa poderosa intelligencia, sempre disposta a metamorphoses cuja secreta philosophia escapava á observação dos seus contemporaneos; essa dourada utopia de um ideal politico capaz de se adaptar a todos os regimens, essa especie de eclectismo transcendente que pretendia desprezar a fórma dos diversos governos com tanto que a elasticidade de certas molas sociaes fosse igualmente respeitada por ella, todas essas subtilizas de um pensamento evidentemente sincero que dividem a personalidade de Antonio Rodrigues Sampaio em dois periodos distinctos, um até 1851, e outro desde essa época para cá, tudo isto ha de sobresaltar os escrupulos de certas consciencias.

Os principios que devem reger as sociedades correm o risco de intibiar-se, quando se amoldam com extrema facilidade ás circumstancias, perdendo a um tempo parte da sua força e rigidez.

Sim, estas observações são rigorosamente logicas e justas.

Mas o que é tambem não menos justo e logico, é julgar primeiro que tudo os actos dos homens pelas

suas intenções. Ora as intenções de Antonio Rodrigues Sampaio, no que toca a esse elemento supremo da vida politica social—a liberdade—mantiveram-se sempre acima de qualquer suspeita.

Por mais reservas que possam fazer-se sobre as multiplices fórmulas de que elle as revestiu, forçoso é concordar que Antonio Rodrigues Sampaio só teve por fanal a propria convicção.

Se errou, errou inconscientemente, e, trabalhador indefesso, poz sempre toda a sua energia ao serviço de uma grande causa.

Borges d'Acellar,

Redactor do *Commercio Portuguez.*

Porto—Imprensa Portugueza.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO



DOMINADOS ainda pela emoção, abeiramo-nos do tumulto para onde hontem resvalou o batalhador intrepido e, ao fitarmos agora, na margem d'além, os horisontes limpidos da eternidade assalteiam-nos novas impressões, vendo surgir para a posteridade, redivivo e grandioso, o vulto heroico do primeiro jornalista portuguez.

Vai começar para o decano da imprensa portugueza contemporanea a vida historica, e qualquer que seja o *veredictum* proferido á luz de uma critica austera, para Antonio Rodrigues Sampaio está reservado



sem controversia um lugar eminente no pantheon dos benemeritos da patria, porque elle pertenceu a essa raça de homens fortes, organizações privilegiadas que se dão todas em holocausto ao apostolado de uma grande ideia e, fazendo vibrar a fibra nacional ao sôpro potente das suas altas intelligencias, se identificam com o povo, impellindo-o para as resistencias salutaras.

Não se propõe a nossa penna sondar a biographia de Antonio Rodrigues Sampaio: declinariamos de nós a tarefa ponderosa d'esse documento instructivo para a nossa historia contemporanea, se tivéssemos competencia para a desempenhar, porque não caberia ella no breve praso que nos foi dado para traçar estas rapidas linhas. As biographias dos homens illustres, como verdadeira applicação da sciencia positiva á vida humana, fornecem os mais seguros elementos para uma synthese dos progressos sociaes; não se fazem sem o estudo accurado e consciencioso de uma epocha,

do meio e de todas as circumstancias que influiram no individuo.

Mas, para se poder gravar n'este padrão, erigido á memoria do eminente jornalista, uma homenagem condigna, não é necessario evocar e reconstruir-lhe o perfil em toda a sua nitidez: basta um relanço de vista para a calma simplicidade da sua vida particular em confronto com aquelles arranques do luctador temivel. Na refrega, character de rija tempera, inexoravel, sempre em riste, incansavel, brandindo golpes formidaveis, sem dar quartel ao inimigo, soberbo em meio dos destroços da peleja titanica; em casa, bonissimo, adoravel na grande irradiação da sua inexgotavel bondade, com a physionomia benevola sempre aureolada pelo riso picante da boa graça portugueza. Um coração affectuoso e bom sob a ferrea armadura do truculento guerreiro.

Este traço physionomico basta para pôr em relêvo a tempera da sua organização excepcional: um homem vulgar aze-

dar-se-hia nas contrariedades da sua vida feita de luctas até ao transe e de paixão politica, tomada a palavra na sua mais alta significação, ao passo que no apogeu da gloria tornar-se-hia intractavel.

Não succedeu, porém, assim. Contemplando-o á luz constante, serena e igual d'aquella inalteravel singeleza e affabilidade que lhe alumiou o lar, e o acompanhou até ao derradeiro alento, quer na phase violenta de esforçado polemista, quer no fastigio das honras, insensivelmente somos levados a equiparal-o a esses preclaros patriotas, campeões indefesos da independencia norte-americana, a um Washington e a um Franklin, humildes e patriarchaes na vida domestica, mas verdadeiros heroes em defeza da patria e da liberdade.

No perfil de Antonio Rodrigues Sampaio transparece a mesma bonhomia ironica que caracteriza a physionomia de Franklin; como elle alevantou-se da pobreza e de uma condição humilde até ás eminencias

dos grandes ascendentes sobre os seus contemporaneos, como elle revelou essa energia extraordinaria e inquebrantavel que o identificou incondicionalmente com esta altissima ideia—SALVAR A LIBERDADE.

D'esta divida de gratidão desonerou-se o paiz, galardoando-o com as ovações da popularidade e com as honrarias do poder. São dous marcos milliarios que se lhe erguem na vida como que para assinalarem duas manifestações distinctas da sua individualidade—o patriota e o estadista.

Mas é no primeiro cyclo que a sua estatura nos apparece verdadeiramente notavel: tem a grandeza d'estas personalidades excepcionaes, espiritos de eleição, que, despertando a consciencia humana ao bafo ardente da sua fé e do seu civismo, incutem á obra do progresso um vigoroso impulso.

E' esta a força principal que resalta do character de Antonio Rodrigues Sampaio, e quaesquer que sejam as suas responsabilidades perante a historia, este titulo á

admiração dos seus conterraneos jámais lhe poderá ser contestado.

Exemplo vivo do que vale o trabalho infatigavel, a perseverança e uma vontade forte que não esmorece e arrasta até os mais tibios ao ardor da peleja, foi a incarnação perfeita de uma das mais poderosas forças das sociedades modernas.

No estadio gloriosamente percorrido affrouxaram por fim as energias do heroe? O poder foi o oasis onde repousou á sombra dos louros colhidos? Embora, isso não pouca a obra collossal da primeira phase da sua existencia, e o opulento legado de bons exemplos que deixou devolve-se inteiro á posteridade. Receba ella com veneração o deposito e, agradecida, acrescente com elle a grande herança dos seculos, repositorio precioso onde se accumula o trabalho collossal dos grandes homens. Se o individuo é um incidente passageiro na vida, embora fiquem os resultados do seu labor, vinculemos-lhe o nome á sua obra em padrão honroso que resista ao

egoismo e á ingratidão das gerações vindouras.

O progresso é uma resultante de dous principios oppostos, inherentes á natureza humana; em uma extrema o espirito de conservação, a obstinação na rotina; na outra a força impulsiva para novos horisontes. Entre estas correntes é que se opéra a evolução da humanidade, lenta, mas fatal e irresistivel. Antonio Rodrigues Sampaio representa uma d'essas poderosas forças centrifugas, tão necessarias á impulsão progressiva das sociedades.

As suas armas foram a ideia e a palavra e são ellas que hoje governam o mundo.

Nos arraiaes da imprensa, vasto campo onde se fere o prelio giganteo do progresso e da civilisação, eccoou um grito de dôr e a pugna renhiça suspendeu-se de improvisio ao choque de um baque ingente, como quando nos cimos luminosos rue com fracasso o cedro altaneiro, patriarcha da montanha. Então amigos e

adversarios, unidos na mesma consternação, esquecidas as feridas do combate, como quando uma dôr lancinante nos tira a consciencia de outra dôr menos intensa, levantaram nos escudos o corpo do heroe, e todas as bandeiras se rojaram no pó em um abatimento funerario, e todas as armas, todas as fronte se inclinaram perante o feretro magestatico que passava. O quadro era edificante e commovente. Devia-se essa homenagem ao morto illustre, como se devia o preito de saudade e reverencia que hoje rende á sua memoria a imprensa portuense.

Foz do Douro, 30 de setembro de 1882.

Julia Lourenço Pinto.

A CASA ONDE NASCEU

RODRIGUES SAMPAIO



CHAMA-SE o Lugar de Baixo o sitio da freguezia de S. Bartholomeu do Mar em que se vê ainda hoje a modesta casa onde nasceu Antonio Rodrigues Sampaio.

Tem as tonalidades melancolicas de uma paizagem de Ruisdael esse lugarejo campesino sobre que se entrelaçam em timido aconchego as habitações pittorescas de honestos agricultores, porque a folhagem verde escura das figueiras e dos alamos, ao mesmo tempo que ensombra so-

turnamente os tugurios da laboriosa colmeia, mais repassa de aspectos tristonhos a poesia monotona em que se envolve a rustica povoação.

E' ahi que se ergue a habitação humilde dos humildes progenitores do homem, que, só pelo seu talento e pela sua penna, se separou por vezes da banca de jornalista intrepido para ir sentar-se á secretária de ministro respeitado.

Conserva esse pequeno predio, na vetustez das paredes ennegrecidas, todas as caracterisações da sua feição primitiva.

Não se rasgam em ogivas floreteadas as janellas do solar d'aquelle nobre, filho do povo; para se entrar não se necessita descer a pesada ponte suspensa de grossas correntes, nem agitar o martello descommunal da possante porta de carvalho marchetada de ferragens oxydadas; lá dentro não se sentem os relinchos de corceis irrequieten, nem os latidos da matilha insoffrida provocam os berros dos monteiros; o lagado de pateos espaçosos não re-

tine os sons metallicos das argenteas armaduras de altivos cavalleiros, nem brações petulantes de fidalgos ostentosos humilham a miserrima condição do proletario submisso. Não ha alli jardins de enredados labyrintos, nem coutadas de vegetações seculares.

Em vez de tudo isso, uma simples casa rural, que no apoucado da sua tosca construcção denuncia os haveres medianos dos seus proprietarios

A' entrada, a ponte levadiça substitue-se por um fôfo tapete de matto que oscilla molemente a cada passada; a larga porta correida pelos annos tem-se aberto muitas vezes, não a luzentes cavalgadas mas a alegres ranchos de serandeiros em noutes de esfolhada; no pateo só se repercutem os sons surdos de pesados tamancos ou o tilintar dos ferros das alfaias agricolas; não ha espaçosas cavallariças, mas um pequeno curral onde repousam da faina constante do trabalho pacientes e nedeos bois; a matilha numerosa e farta

reduz-se a um raivoso cão de pêllo esguelhado, que a horas mortas da noute ensurdece os ares ao presentir no caminho proximo os passos subtis do viandante; emfim, por coutada, o campo arroteado; por jardim, a horta verdejante de hortaliças

E' assim o palacio senhorial que viu nascer aquelle que foi um dia presidente de conselho de ministros de um reino!

Talvez ainda lá se encontrem o berço humilde que o embalou muitas vezes nas horas rabujentas das insomnias infantis; a mesa de castanho em que na adolescencia ensaiou os primeiros rasgos da penna, mais tarde tão fecunda em vernaculas subtilezas de controversia jornalistica; o catre plebeu em que o ardente agitador sonhou as primeiras luctas do futuro!

Se um dia, leitor, o acaso dos teus passos ou a veneração por aquelle homem notavel te levar em patriotica romaria áquelles sitios, aperceberás mourejando no amanho das terras da sua pequena herdade uma

anciã coberta com o luto da viuvez e em cujo perfil encontrarás reminiscencias vivas da physionomia aberta e franca de Rodrigues Sampaio.

Essa mulher é a irmã do ministro.

Lá mais adiante verás um rapaz segurando a rabiça do arado e uma rapariga puxando a sogá dos bois.

São os irmãos do ministro; os filhos de sua irmã.

Caminha mais um pouco, entra na solitaria igreja que o vendaval açouta em noutes tremendas de borrasca enfurecida, pede ao bondoso parochó que te mostre o livro dos baptismos e na folha 50.^a lerás o seguinte:

«Antonio, filho legitimo de Antonio Rodrigues Sampaio e de Maria de Amorim, d'esta freguezia de S. Bartholomeu do Mar, neto paterno de Manoel Rodrigues e de Maria de Sampaio, da freguezia de S. Thiego d'Anta, e materno de Lucas Martins Cepa e de Caetana de Amorim, d'esta mes-

ma. Nasceu aos vinte e cinco dias do mez de julho do anno de mil, oito centos e seis. Foi baptisado solemnemente por mim, o padre José Filgueiras, vigario d'esta igreja, aos vinte e sete do dito mez e anno supra, e lhe puz os santos oleos. Foram padrinhos Antonio da Costa, clerigo *in minoribus*, e Thereza da Costa, d'esta freguezia. E para constar fiz este assento, que assigno. Era ut supra. O vigario, José Filgueiras.»

Nem aristocracia de nascimento, nem opulencias de fortuna.

Em compensação, uma alma forte, energica, um trabalhador infatigavel, uma intelligencia respeitada!

Transformem-se muito embora em brilhantes caracteres dourados as letras amarellecidas da pagina modesta d'esse livro, mas que nunca a mão inconsciente do tempo ou dos homens profane a pureza caracteristica d'aquelle albergue tosco e pobre.

Que a eschola se erga ahi, junto a

essa humilde casa, padrão venerando e affirmativo do quanto pôde o saber e a constancia no homem que a habitou nos dias despreoccupados da juventude, e assim tenham n'ella um exemplo persistente e animador os que se desalentem alguma vez ao repararem no borel grosseiro que os veste, ou no lar mesquinho que os agasalha.

Já vai distante o tempo em que os cargos elevados de um Estado eram a consequença privativa de uma cadeia de privilegiados de nascimento.

Hoje os grandes merecimentos de intelligencia, como os dotes benemeritos de civismo, supprem no filho do povo os quartéis heraldicos da progenitura fidalga de outr'ora.

As multidões entusiastas do mundo pensador, curvam-se n'esta hora mais reverentes perante a fronte encanecida e radiante de Victor Hugo, do que fascinadas ante o fausto deslumbrador do mais poderoso monarcha da terra.

A realeza do talento impera e avassalla, não com as armas sangrentas do poder absoluto e intransigente, mas com os dictames pacíficos do raciocínio persuasivo.

Já não se diz: — «Crê ou morre». Mas «Lê e convence-te»!

Manoel M. Rodrigues.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO



oi homem de distinctissimas virtudes, de admiravel abnegação pessoal, soffreu muitas privações, viveu modestamente nos seus tempos de melhor posição social, e acaba de fallecer pobre!

É esta a dura e cruel sorte dos grandes homens que em Portugal passam a vida no serviço da patria, enchendo-a de beneficios e de virtudes!

Mas tambem a geração presente o acompanha chorosa á sua derradeira morada, e as gerações futuras lhe lavarão o epitaphio que a consciencia publica não grava na sepultura de grande numero dos que gosaram as regalias da fortuna.

Este viverá sempre na memoria do seu paiz, porque se nasceu e morreu pobre, subiu pelos seus grandes merecimentos, serviços e virtudes á posição mais alta, e morrendo pobre não morreu humilde, pois foi rei da intelligencia, e é ella o maior poder da terra, porque governa o mundo.

J. Cesar Pinto Guimarães,

Redactor do COMMERCIO PORTUGUEZ.



espírito gigante do grande patriarcha da imprensa, acompanhou sempre os progressos da instrução, as manifestações da liberdade, e pugnou quotidianamente com uma energia extraordinária, pela emancipação das classes trabalhadoras; era o Atila moderno que abrigava em si a energia d'aço dos heroes, a tenacidade que obriga o soldado da ideia aos rasgos do sacrificio inaudito, a abnegação mesmo da sua individualidade, para ir em demanda do ideal que acena n'um deslumbramento de claridades rutilantes e instigadoras.

Antonio Rodrigues Sampaio foi um martyr da ideia. Do sangue dos martyres da fé brotavam antigamente *flores de christãos*; dos

martyres modernos brota agora a luz; o fanal das gerações: a instrucção e a fraternidade, e dos reflexos d'essa luz abençoada, agita-se na grande communhão moral, uma classe que o teve por mestre e o terá agora por apóstolo.

A redacção da «Vida Moderna.»

AO MESTRE

HA pouco ouviu-se ao longe um brado retumbante,
Desolador e atroz, vibrando pelo espaço,
Que nos esculpiu na alma um luctuoso traço,
Deixando-a em convulsões, inerte, agonisante.

Era o gemido extremo, emfim, d'esse gigante
Enorme e colossal, da rigidez do aço,
Que a todos assombrou — do seu herculeo braço
A tempera viril, ousada, palpitante.

A sua penna tinha um afiado gume,
Da qual fez despedir crepitações de lume
Em luctas geniaes — victoriosamente!

Mas n'aquella alma, sim, alevantada e grande,
Sempre raiou a luz purissima, que expande
E reverbera o Bem — auréola ridente!...

Porto — Outubro de 1882.

Eduardo Lopes,

Da Voz do Povo.



E nos é permitido, por um momento só, rasgar com mão indecisa e trémula o espesso véo que encobre a nossa obscuridade, a homenagem de respeito que vimos render á memoria do mestre dos jornalistas portuguezes será por ventura a mais humilde, mas não a menos sincera e reverente.

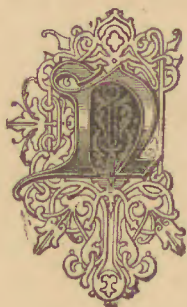
Antonio Rodrigues Sampaio apresenta o exemplo frisantissimo de quanto póde a energia, sempre que o estudo e o talento a dirigem convenientemente. Filho do povo, pelejando de continuo pela inviolabilidade da ideia, elle proprio construiu, sem o auxilio de ninguem, os degráos por onde depois havia de subir até ás eminencias da administração publica. E uma vez lá, apenas o campo de com-

bate mudava para o incançavel batalhador, pois que em toda a parte, defendendo os principios avancados, o seu espirito tolerante e a sua indole conciliadora se revelaram abertamente.

Morreu pobre. É este o seu maior elogio. A politica facciosa que navalha cobardemente, na cegueira dos debates partidarios, as reputações solidas e inconcussas, não poupou o honesto democrata, antes fez d'elle a sua victima predilecta. Hoje esquecem-se malquerenças de momento e todos prestam o merecido tributo ás virtudes do excelso tribuno. Não porque diante d'um tumulo a generosidade substitua antigos rancores, mas porque a historia fria e inflexivel, começa a sua acção reparadora.

A redacção do «Bombeiro Portuguez».

HOMENAGEM
DA
REDACÇÃO DAS DAMAS PORTUGUEZAS



UNCA o jornalismo portuguez sentiu um golpe tão profundo e triste, como aquelle que lhe acaba de ser vibrado pela morte de Antonio Rodrigues Sampaio, o mais ousado dos gladiadores modernos, n'esta lucta permanente de principios e de ideias.

Esse morto illustre que foi o mais eminente e distincto dos jornalistas que Portugal tem possuido, occupa na historia patria um lugar brilhante entre os dous vultos mais gloriosos do seculo actual. O seu nome coberto de triumphos resplandecentes, ha de viver eternamente no espirito do povo a quem elle defendeu nos momentos mais criticos com a sua forte penna de combate. O papel importante que desempenhou na politica portugueza, nos cincoenta annos decorridos antes da sua morte; a energia e talento com que rebatia e aniquillava os seus adversarios; a lealdade politica com que a todos

sabia tractar; as grandes qualidades, emfim, que possuia, como jornalista, como homem e como estadista, grangearam-lhe um nome honrosissimo e digno, que ficará gravado eternamente no espirito nacional. Os artigos admiraveis que brilham como scintillações fortissimas — no *Espectro* uma epopeia da revolução de 1847 — e na *Revolução de Setembro*, viverão como padrões immortaes, que hão de attestar em todas as idades o genio eminente d'esse grande vulto contemporaneo. O preito de saudade, rendido hoje, pelos jornalistas do Porto, a Antonio Rodrigues Sampaio, é mais uma corôa luminosa que vai engrinaldar o tumulto onde dorme o somno triste da morte, o maior, o mais terrivel e o mais vigoroso dos gladiadores da Imprensa jornalística.

Abilio Maia.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO



AMBEM o *Gymnasta* vem hoje prestar justa homenagem á memoria do grande jornalista.

Nós que defendemos a grandiosa causa da instrucção, queremos pagar hoje mesmo uma grande divida de gratidão e sympathia ao homem que ha pouco vimos esconder-se, e para sempre, na frialdade do sepulchro.

Antonio Rodrigues Sampaio foi um benemerito da instrucção, e não vai muito longe o momento em que aquelle espirito lucido indicava no parlamento a *gymnastica* como um dos grandes meios de educação physica na escola primaria; e professando este principio, conseguiu depois realisal-o, decretando-a como parte integrante do ensino elementar. Seria isto só motivo de não pequeno reconhecimento para nós, se não tivessemos ou-

tros e muitissimos para admirar e venerar em Antonio Rodrigues Sampaio o propugnador da instrucção popular, o incansavel trabalhador no desenvolvimento intellectual do paiz por meio da escola e da associação.

Luctador athleta nas pugnas da imprensa jornalística, pela liberdade e emancipação das classes populares, não o foi menos pela emancipação das intelligencias juvenis e pelo fortalecimento do corpo debil das nossas creanças por meio dos exercicios gymnasticos, de que era apologista entusiastico.

Defensor acerrimo dos opprimidos, contrastava-o o aspecto de uns seres pequeninos e rachiticos, sem desenvolvimento physico, base solida de um espirito são. Aquella alma grande e generosa, que nos seus annos de verdura tanto havia soffrido de contradicções e trabalhos condoia-se facilmente dos tyrannisados pela rotina, pela inercia.

No seu esclarecido espirito facilmente entrou a convicção de que a gymnastica e o movimento devem completar a escola primaria; e apezar de ter recebido na infancia uma educação mui differente, reconheceu perfeitamente a necessidade de reformar a escola introduzindo-lhe esse melhoramento. Para isso trabalhou, e se a gymnastica tem tomado um certo desenvolvimento nas escolas, se a gymnastica começa hoje a ser olhada, não como um exercicio de pelotiqueiros mas como um meio de regeneração physica, a elle se deve em grande parte.

Nós, que então o applaudimos, vimos hoje tambem prestar-lhe o preito das nossas homenagens, juntando a nossa voz á de tantos que, na sua queda para o tumulo, entoaram o cantico funebre de seus *louvores bem merecidos*. Abençoada memoria a d'este benemerito, a d'este

justo, que tão honrada e gloriosamente viveu para que todos hoje, sem distincção de parcialidades, o acclamem como um dos vultos que, modernamente, mais illustraram a *historia do jornalismo*, da politica e da *instrucção popular* do nosso paiz.

A redacção do «Gymnasta.»

AO JORNALISTA



SUMMA intransigencia e a summa valentia — dois distinctivos que alevantavam aquelle em que se intangibilisava o ardor supremo e o luminosissimo ideal, que teem humanisado na Historia os batalhadores de plana, os bons revolucionarios cheios de talento e compaixão, almas infernadas que se ulcerisam no resvalo dos grandes desalentos e no pendor das formidaveis amarguras. Para o vêr bem, é ina-

diavel a passagem dos tempos com toda a sua reverberação, que ou santifica, nivelando os finados á cathegoria dos heroes, ou os ataganta, pelourinhando-os no poste ignominioso, ultimo desdoiro para os fracos que afundaram na tumultuosa voragem. Deixar a illuminação dos seculos aureolar, brunindo, acaloradamente, a physio-

nomia veneranda do gigante: esse reflexo, consubstanciação maravilhosa de mil jorros lampejantes borbotando a flux, incendirá então, na pujança de uma alvorada deslumbradora. Consagrar-se-ha então o espirito que a humanidade, individualista, immolou, tantalisando-o, fazendo-lhe sorver, a haustos martyrisadores, o fel que sóe attribular as existencias devotadas ao que pertence acima — ao Bem — á Justiça.

Hoje ainda não se desvendou, na totalidade, a chama que luzia e aviventava aquella musculatura poderosa e radiantissima, que vislumbra a o impeto lategante e a implacabilidade da indignação no vibrar potente e limpidado que não se amesericordiava dos fracos envilecidos, nem empallidecia, tremulento, quando arcava com os bronzeos antagonistas.

A verrina prevalecendo, o ritualismo partidario avigorando-se, o impulso momentoso, reagente, dos valetudinarios que poisaram na sombra, mas que sangram odios ainda, a nebulosa e diluida gaze que acoberta aquella boa tempera varonilentada de instinctos nobilissimos e de coragens rijas como o granito, empana e assomnolenta a radiação vivaz d'aquella luz, em cuja essencia palpitantissima se incoercebilisava, vaga e dolorosa, a nostalgia valente de um mundo edenicamente phantasiado.

A nostalgia de um mundo que se sonhou entre as bafagens consoladoras da esperança e o alento pulsativo e forte que lhe blindava a espaços a crença, e lhe arejava por vezes, como uma briza de leveza subtil e calma suavidade, o vendaval que rugia nas profundezes do coração.

Uns espiritos vinculados entre si pela sublimada irmanisação dos sentimentos lealissimos e afervoradas, des-

cortinaram o valimento do heroe; entreviram no infinito por onde se alou a scintilla que vitalisou o mestre, a estrella em que se fundiu por maravilha gloriosa a labareda augusta que o acalentou e robusteceu emquanto vivo, que o eternisou depois de morto.

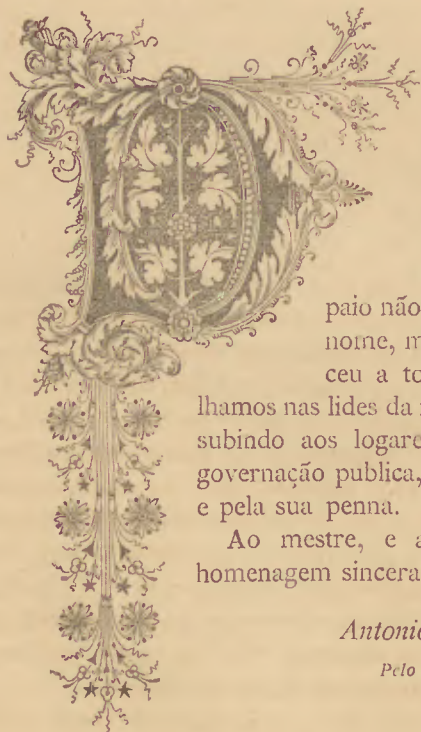
Os que lobrigaram o vibrantissimo astro, os que supportaram aquelle reflexo brilhante como a scintillação de duzentas laminas reluzentes, os que entreviram o pairar crepitante e faulento d'aquella vida, a espargir a formidolosa lucilação lá nas espheras immaculadas e supremas, os que apostolam a lucta e a intransigencia, o talento e o vigor, fraternisam, em largo e nervoso phrenesi, para a saudação reverenciosa e opulenta ao dominador vulto, que o genio universalisou dando-lhe por nacionalidade o dominio immorredoiro da Historia.

O mais humilde dos admiradores do audacioso pamphletario, e o mais fraco dos jornalistas portuenses associa-se aos seus irmão d'armas congratulando-se pela compostura sagrada que ennobrece as suas almas sinceras e glorifica a tregua momentanea na liça que diariamente nos apunhala.

Eduardo Salamonde,

Pela re lação da «ГОЛНА DE ПОИВ».

RODRIGUES SAMPAIO



IGNO da consideração de todos é o homem pobre que sabe ennobrecer o seu nome, pelo trabalho e pelo talento. E Sampaio não só ennobreceu o seu nome, mas também ennobreceu a todos nós que trabalhamos nas lides da imprensa jornalística, subindo aos logares mais distinctos da governação publica, pela sua intelligencia e pela sua penna.

Ao mestre, e ao devotado amigo, homenagem sincera.

Antonio Ferreira de Brito,

Pelo «JORNAL DE VIAGENS».

Antonio Rodrigues Sampaio



N'um paiz em que a politica mesquinha desviou o rei das manifestações promovidas em honra de Camões e obrigou um parlamento a recusar um voto de sentimento pela morte de Garibaldi — n'um paiz em que os mais alevantados espiritos são vergonhosamente sacrificados em nome d'umas determinadas exigencias partidarias, que nada téem de sinceras, esta expontanea manifestação consagrada á impolluta memoria de Sampaio é um poderoso documento que prova eloquentemente que o egoismo não conseguiu ainda corromper todos os espiritos.

E ainda bem que assim succede, para honra d'esta geração que timbra de honesta e austera! Ainda bem que os homens d'hoje, descendentes dos

batalhadores de hontem, não deixam cahir na sepultura, esquecido para todo o sempre, o valente apóstolo da liberdade, que á patria se consagrou na grande dedicação dos espiritos generosos, que sabem lutar com brio para vencerem com gloria ou serem vencidos com honra.

O glorioso pamphletario, de cuja penna com verdade se póde dizer — que valia exercitos — tinha direito a esta glorificação pela austeridade do seu character, pela rigidez do seu pulso, pela sinceridade das suas convicções. Poucos como elle terão luctado tanto, para á hora derradeira deixar de si apenas um nome venerando, o que é pouco, se attendermos a que vivemos n'uma epocha desgraçada de ambições, de calculos, de sophismas, de interesses. Consumir toda uma existencia a trabalhar pela patria, a pugnar pelos seus direitos, a defender as suas instituições, a sacrificar-se pela sua liberdade, e cahir, após tanta fadiga, legando apenas um nome, e nada mais, é certamente para admirar n'estes tempos de ambições desmedidas e de paixões desordenadas.

E não agradece a patria a esses homens honestos o seu desprendimento honrado, que tautas raizes tem já a cubiça e o egoismo, que á maior parte passam despercebidos estes raros exemplos de brio e de probidade.

Acham que não deveriamos escrever assim? Talvez achem. É sempre desagradavel apregoar uma verdade, mas ainda que se magôem os que por calculo e interesse servem a sua patria, é consolador para nós, plebeus, nascidos do povo e no meio do povo trabalhando, exalçarmos as virtudes d'um homem que, por egual, sahiu do povo, não renegando

nunca a sua condição, e pelo povo trabalhando sempre, embora tivesse de lutar com todos os elementos impeditivos que lhe haviam de oppôr os que até se envergonham de nascer como nasceu o creado que os serve!

N'estes momentos solemnes não é digno nem honesto o que calar as suas opiniões para ser agradável aos outros; quando se offerece ensejo para formular publicamente uma crença, quem o não aproveitar é fraco, e espera, talvez, que lh'a adivinhem, para negociar com elle!

Sampaio é, sem questão alguma, o mais poderoso representante d'aquella antiga raça portugueza que deu á historia os seus factos mais notaveis, d'esses valentes e sinceros servidores da sua patria, que tinham por unicas e gloriosas veneras dos seus feitos, as cicatrizes das feridas abertas em mil combates renhidos. Pela sua valente organização, pela tenacidade do seu proposito, pela grandeza da sua alma, pela natural bondade com que a todos tratava, Sampaio é a mais nitida imagem dos portuguezes antigos, que deixaram assignalada a sua existencia em acções grandiosas que são e serão sempre o maior lustre d'esta nacionalidade, tão brilhante outr'ora, e tão abatida hoje.

É, dissemos nós! Perdão; foi, deveríamos escrever, e não o fizemos porque nos repugna acreditar que podesse calir no mesmo chão, onde cahem tantos inuteis, o valente que em epochas apertadas zombou da tyrannia e do despotismo, inquietando, com a *Revolução de Setembro* e com o *Espectro*, os que entendiam zombar impunemente da paciencia popular.

N'aquellas epochas apertadas e difficeis, a partir de 32 até 46, asphyxiadas as mais nobres e generosas aspirações populares, implantado o systema das perseguições, o que era um ultrage feito á liberdade que palmo a palmo se conquistára ao som da metralha, folgando o paço com a camarilha que tripudiava e folgava, enquanto o povo, cá em baixo, soffria, uma voz potente e enthusiastica erguia-se do meio dos opprimidos como um protesto eloquente contra as demasias dos governantes, e por mais rigorosas que fossem as perseguições, essa voz vibrante ouvia-se sempre, cahindo, como um latego formidavel, sobre os oppressores e os despotas que entendiam implantar a tyrannia á sombra bemdita da liberdade.

A *Revolução de Setembro* e mais tarde o *Espectro*, foram os dois grandes lategos com que Sampaio azorragou essa camarilha ambiciosa e apaixonada, que largas horas de desgostos deu aos que sinceramente amavam a prosperidade da sua patria. Aquellas duas publicações, que nenhuma perseguição pôde aniquilar, são o mais grandioso documento do patriotismo de Sampaio, o eloquentissimo protesto d'uma alma verdadeiramente portugueza em face das vexações e dos abusos commettidos por uma politica odiosa e nefasta, que a Providencia para longe affaste de nós, pois não poucos são já os flagellos que nos mortificam.

O *Espectro* é, especialmente, a mais poderosa e eloquente manifestação do intenso amor que Sampaio votava á liberdade da sua terra. N'aquelle periodo de agitações e de odios, indispostos os espiritos pelas contínuas medidas repressivas, tenaz-

mente perseguidos todos os que combatessem a politica pessoal da rainha e dos seus affeioados, o patriota sincero que se encarregasse da gloriosa missão de acudir pelas franquias populares havia necessariamente de ser severo, energico, violento. O formidavel pamphletario, odiado, perseguido, condemnado, tendo de fugir para não dar aos seus adversarios um prazer que mais que nenhum outro ambiçionavam, luctando sempre, com o mesmo denodo, com a mesma coragem, com o mesmo enthusiasmo, é o exemplo mais glorioso da tenacidade e do amor da liberdade n'uma epocha difficil e penosa para a livre manifestação do pensamento.

O *Espectro* é uma das maiores glorias do saudosissimo jornalista; a geração nova, que presta á liberdade o reverente culto do seu espirito emancipado, deve lêr aquelle cathecismo patriótico, e aprender n'aquellas palavras, mais formidaveis que um azorrage, a defender a terra querida da sua patria dos abusos e das prepotencias do mais forte. O *Espectro* ha de ter, e em breve, que assim exige o nosso brio, a sua grande apothese rehabilitadora, e esse encargo havemos nós de assumil-o, os que temos vontade e aspirações de justiça.

*
* *
*

Antonio Rodrigues Sampaio assignala-se brilhantemente nas paginas da nossa historia liberal, pelos relevantissimos serviços com tanto desinte-

resse prestados á sua patria. Quando maiores eram os abusos do poder, empregando-se, para amordaçar os que se erguiam a combatel-os, as mais vergonhosas medidas repressivas, perseguindo-se, como a criminosos despreziveis, os homens que não queriam a morte das tradições gloriosas da sua patria livre, Sampaio foi sempre o primeiro nas fileiras dos desidentes, luctando com uma coragem que nenhuma força era capaz de vencer. As perseguições que lhe moviam eram incentivo poderoso para mais brilhantes demonstrações da sua actividade e do seu genio revolucionario. Quando a auctoridade de José Bernardo da Silva Cabral mandava sequestrar a imprensa onde se publicava a *Revolução de Setembro*, prender os distribuidores, sellar as portas e metter na cadeia os typographos e os impressores, a coragem de Sampaio redobrava, e a *Revolução*, sem typographos, sem casa, sem imprensa, não deixou de publicar-se nunca, e durante 11 mezes e 4 dias a policia não descobre onde ella se imprime nem onde param os seus redactores. O visconde de Castro, ministro dos estrangeiros, prohibe ao correio de expedir a *Revolução* para as provincias, mas a *Revolução* lá chega do mesmo modo (1).

O mesmo succedeu com o *Espectro*, publicação clandestina, que em toda a parte apparecia sem que alguém soubesse onde ella se publicava, cahindo, como um chicote, sobre os governantes que de mãos dadas com o paço folgavam á vontade, n'um gaudio criminoso e provocador de formidaveis represalias.

(1) A. A. Teixeira de Vasconcellos — *O Sampaio da Revolução* — Paris.

Era d'esta tempera Sampaio. Quantos temos como elle? . . .

O venerando apostolo da liberdade foi o mais rijo trabalhador da imprensa. Ninguem como elle apreciava e discutia; temiam-o os adversarios, que bem sabiam elles que eram de derrubar os golpes da sua penna formidavel; admiravam-o todos, que para admiração era, em verdade, a placidez com que elle pulverisava os seus criticos, brincando com elles, a sorrir, a gracejar, até que os prostrava no chão, desfeitos, esfrangalhados.

Eram monumentaes as suas respostas. Um dia, n'uma polemica com um jornal de Lisboa, disse verdades amargas ao seu adversario, e este, em lugar de se confessar vencido, declarou que bem conhecia a mão que o queria aniquilar. Sampaio, no dia seguinte, respondia triumphantemente:

— Ora ainda bem que o animal conhece pelas esporadas que leva no lombo, quem é o cavalleiro que o monta.

E o adversario rendeu-se. E quem se não renderia? . . .

Fóra, porém, da sua banca de jornalista, era alegre, folgasão, expansivo, tendo para cada acontecimento uma citação latina, uma anedocta, uma *blague*. E todos o adoravam, amigos e adversarios, prestando áquella alma, boa e generosa, o preito respeitoso que ella inspirava.

Perdeu-se, digamol-o bem alto, uma gloria nacional, um d'esses homens excepçionaes que surgem no meio dos povos e das nações como bons exemplos a seguir. Trabalhando, luctando, soffrendo, passando por vicissitudes que prostrariam os de

animo mais forte, odiado, perseguido, accusado, esse homem zombou de tudo e de todos, subindo do povo até ás altas esferas da hierarchia social, não renegando nunca da sua condição; e, pobre ao começar a sua vida, pobre morreu, elle, o primeiro jornalista do seu paiz, conselheiro de estado, membro do tribunal de contas, deputado e ministro.

Curvem-se todos deante da honrada memoria d'esse illustre portuguez, que nos honra a todos nós e á patria que tão sinceramente serviu.

Porto—1882.

FIRMINO PEREIRA.

(REDACTOR DA «LUCTA»)

Antonio Rodrigues Sampaio

NOTAS PARA A SUA BIOGRAPHIA



Em 1859 escreveu e publicou em Pariz A. A. Teixeira de Vasconcellos um livro de elevado merito, como são todos os que produziu a sua fecundissima penna. Esse livro intitula-se *O Sampaio da Revolução de Setembro*, e é sem duvida a biographia mais circumstanciada que até agora se tem publicado do grande jornalista cuja perda Portugal inteiro hoje deplora.

Teixeira de Vasconcellos, longe da patria como estava então, não pôde decerto averiguar bem todos os factos, nem tão pouco verificar todas as datas no que diz respeito ao seu biographado, de sorte que o livro não saiu tão correcto como era para desejar.

Ainda que só á aguia seja permittido o fitar o sol, o mais obscuro entre os mais obscuros escripto-

res portuguezes, como é o que escreve estas linhas, procura rectificar, tanto quanto lhe seja possível, as inexactidões que se encontram na obra de Teixeira de Vasconcellos.

Este escriptor, referindo-se á prisão de Rodrigues Sampaio no Aljube, diz que elle conhecera ali Manoel Ferreira Tinoco, advogado em Barcellos, para casa de quem foi viver depois que sahio do carcere, instruindo-se com elle nas materias de direito portuguez, que mais tarde lhe foram valioso auxilio para a sua carreira politica.

Sampaio contrahiou outras relações no carcere, que, não sendo menos proveitosas para elle, foram de maxima utilidade para todos nós.

A vocação de jornalista não lhe brotou espontanea na alma, como se affigura a muitos, antes pelo contrario foi-lhe inculcada e encaminhada nos primeiros passos por um dos seus companheiros de prisão, o padre Ignacio José de Macedo, redactor do *Velho Liberal do Douro*, jornal que se havia publicado no Porto de 1826 a 1828, que lhe valeu o ser perseguido e afinal encarcerado na Torre de S. Julião, d'onde veio para o Aljube, afim de ser julgado, em 11 de julho de 1830.

Os primeiros artigos de Rodrigues Sampaio foram escriptos dentro d'uma prisão, revistos por um preso, e lidos unica e exclusivamente por presos tambem.

Alludindo Teixeira de Vasconcellos ao desembarque do exercito liberal nas praias do Mindello, em 1832, e á defeza heroica que o mesmo fez do Porto, diz que se publicava então aqui um jornal intitulado a *Vedeta da Liberdade*, de que era proprie-

tario o Mendanha, e redactor principal o abbade de Valbom, fr. Antonio do Carmo Velho de Barbosa, e que n'essa epocha entrára Sampaio para a redacção como traductor das folhas estrangeiras.

O redactor da *Vedeta da Liberdade* foi com effeito o abbade de Valbom, vulgarmente conhecido pelo *padre da Vedeta*, e o proprietario do jornal José de Azevedo Gouvêa Mendanha.

A *Vedeta*, porém, é que se não publicou no tempo do cêrco, mas sim muito depois. O seu primeiro numero saiu em 1 de maio de 1835, havendo a sua publicação sido annunciada por um prospecto que é programma do jornal, distribuido em 18 de abril do mesmo anno. Rodrigues Sampaio fez parte da redacção da *Vedeta* durante o primeiro numero como traductor das folhas estrangeiras, e mezes depois substituiu o abbade de Valbom no cargo de redactor principal. A *Vedeta* era então o jornal opposicionista que se publicava nas provincias do norte, e os seus artigos, lidos com interesse no Porto, eram transcriptos com louvor em Lisboa pelo *Nacional*, orgão official da opposição ao ministerio cartista. Levada a effeito a revolução de Setembro e chamados ao poder os homens cujos principios Rodrigues Sampaio havia sustentado na imprensa, Passos Manoel, encarregado então da pasta do reino, deu-se pressa em remunerar os serviços que elle lhe havia prestado, nomeando-o secretario geral da administração de Bragança. Rodrigues Sampaio acceitou o cargo, não só por fidelidade partidaria, como tambem para poder satisfazer uma divida de gratidão que lhe era mister saldar.

No *Diario do Governo* de 19 de setembro de

1836, foi publicado o decreto que nomeava Rodrigues Sampaio administrador geral do districto de Bragança, e em 27 do mesmo mez desposava elle D. Maria Barboza Soares d'Amorim, viuva do capitão de infantaria João de Souza Amorim, morto em combate em 1833.

Não foi a paixão, nem tão pouco o interesse de grangear fortuna que levou Sampaio a desposar a viuva do capitão Amorim; foi simplesmente gratidão pelos serviços que lhe haviam prestado ambos, quando elle preso no Aljube esteve prestes a succumbir a uma pertinaz enfermidade. Sampaio partiu para Bragança a tomar posse do seu novo cargo. No mesmo dia em que teve logar o seu casamento, publicava a *Vedeta da Liberdade* um aviso dizendo que se precisava d'uma pessoa com as necessarias habilitações para redigir o jornal. Ignoro quem substituiu Sampaio na redacção da *Vedeta da Liberdade*, que ainda se continuou a publicar durante alguns annos, pois só veio a acabar em 17 d'agosto de 1840.

Teixeira de Vasconcellos diz que depois da revolução de 1836, José Estevão e Mendes Leite fundaram a *Revolução de Setembro*, e que Rodrigues Sampaio, vindo para Lisboa, depois de demittido de administrador geral de Castello Branco por Rodrigo da Fonseca Magalhães, entrára pouco depois para a redacção d'aquelle jornal.

A *Revolução de Setembro* não foi fundada logo depois da revolução de 1836, de que tomou o titulo, como parece inculcar aquelle escriptor, mas sim só em 1840, publicando-se o primeiro numero em 20 de junho d'esse anno.

Os fundadores do jornal foram José Estevão e Mendes Leite, que durante os primeiros dois annos foram os seus unicos redactores. Rodrigues Sampaio achava-se em Lisboa em bem precarias circumstancias, quando se tratou de fundar a *Revolução de Setembro*. José Estevão, que o conhecia do tempo em que elle no Porto redigia a *Vedeta da Liberdade*, convidou-o a entrar para a redacção do jornal afim de redigir o noticiario e traduzir as folhas estrangeiras.

A collaboração de Sampaio começou logo no primeiro numero da *Revolução de Setembro*, sendo o seu artigo *correspondencias*.

Como collaborador esteve Rodrigues Sampaio até 1842, não escrevendo até então sobre qualquer outro assumpto que não fosse o inherente ás secções a que nos referimos. N'este anno, estando um dia José Estevão ausente de Lisboa, e tendo tambem de ausentar-se Mendes Leite, offereceu-se Rodrigues Sampaio a este cavalheiro para escrever o artigo de fundo para o jornal do dia seguinte. Aceite o offerecimento, Rodrigues Sampaio escreveu com effeito o artigo, que merecendo plena approvação de José Estevão, fez com que elle lhe entregasse desde logo a direcção politica do jornal.

Enquanto collaborador da *Revolução de Setembro*, Rodrigues Sampaio recebia apenas dezenove mil e duzentos réis mensaes, sendo-lhe esta quantia elevada a sessenta mil réis quando passou a redactor.

Mal succedida a revolta de Torres Novas e emigrados em Pariz José Estevão e Mendes Leite, ficou só á frente da redacção e administração do

jornal, mas nem por isso deixou de continuar a verberar como até ali, senão ainda com mais ardor, os actos do ministerio cabralista, que ufano com a victoria redobrou em perseguição contra a imprensa opposicionista.

Havendo expirado o praso por que haviam sido suspensas as garantias em 6 de fevereiro de 1844, a *Revolução de Setembro* voltou de novo a publicar-se em 25 de maio de 1844, mas n'esse mesmo dia eram presos os distribuidores do jornal, e dias depois prohibida a sua expedição pelo correio e sequestrada a propria imprensa. Teixeira de Vasconcellos, referindo-se a esta perseguição, diz que a *Revolução de Setembro* foi jornal clandestino durante 11 mezes e 4 dias. Foi-o com effeito, mas não por tanto tempo. Este jornal principiou a imprimir-se a occultas em 22 de julho de 1844, publicando só meia folha até 16 de setembro, conseguindo d'ahi em diante publicar a folha inteira como se tal perseguição não existisse.

Em 29 d'abril de 1845, terminou aquella perseguição em virtude do Accordão do Tribunal de Justiça, de 18, que lhe foi favoravel, auctorizando então o governo a sua expedição pelo correio e permitindo a sua livre publicação.

Narrando alguns dos acontecimentos que tiveram logar em 1846 e 1847, Teixeira de Vasconcellos occupa-se largamente da publicação do *Espectro*, mas nem sequer se refere a um outro jornal anterior a elle e do qual tambem Rodrigues Sampaio foi redactor: *O Ecco de Santarem*, que começou a publicar-se em 8 de dezembro e que terminou em 13 do mesmo mez. Era tambem violentissima a lin-

guagem d'este jornal, precursor do *Espectro*; n'um dos ultimos numeros escrevia Rodrigues Sampaio:

«A grande crise aproxima-se, o ultimo acto da tragi-comedia de Belem vae desenvolver-se. A hora final vae soar. Esta hora é solemne! Talvez annuncie a queda d'um throno! quem o sabe!»

Teixeira de Vasconcellos, referindo-se aos ataques pessoaes dirigidos á rainha durante a mesma lucta, e bem assim á defeza que da mesma soberana fez Rodrigues Sampaio, omittiu aonde foram feitas aquellas accusações, sendo-o n'outra folha clandestina intitulada o *Popular*, que havendo começado a publicar-se em principio de 1847, acabou logo em seguida que Rodrigues Sampaio verberou a sua linguagem n'um artigo publicado no numero 27 do *Espectro*, de 26 de fevereiro d'esse anno.

No livro de Teixeira de Vasconcellos parece-nos que pouco mais haverá que corrigir; que ampliar, ha bastante, mas d'essa parte do livro, sem duvida a mais importante, encarregar-se-ha penna mais habil do que a nossa.

MARQUES GOMES.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

E AS

ASSOCIAÇÕES OPERARIAS EM PORTUGAL

Não sei se me engano, suppondo que as associações operarias tem sido um dos mais poderosos elementos da nossa actual civilisação.

Comparando o estado das classes laboriosas anteriormente a 1851 com o seu actual modo de existir, chega-se promptamente á conclusão de que a sua sorte melhorou immensamente por virtude do espirito associativo, e de que esse melhoramento actue em toda a sociedade de um modo benefico e civilisador parece-me não poder alguém duvidar.

A associação das classes obreiras deu de si tres grandes resultados: começou por escorraçar a miseria da morada do operario, que implacavelmente a assaltava no momento em que a doença lhe cortava o vigor do braço; levou-lhe ao espirito um clarão de saber, estimulando-lhe o desejo de aprender; chamou-o à consideração geral, despertando-lhe a consciencia da propria dignidade.

Estes importantissimos resultados incidiram na sociedade em geral de um modo mui sensível e proveitoso. A caridade publica achou-se mais desafogada, e tomando nova direcção foi cuidar de outras dores; os hospitaes foram consideravelmente alliviados ou puderam abrir as suas portas a outros desventurados; os mesmos governos alcançaram um meio poderoso de acção nas occasiões terriveis de epidemias, como se viu em 1856 e 1857 na capital, quando foi da colera e da febre amarella.

Ao mesmo tempo o associado descaptivou-se da humilhação da esmola. A subscripção magra e obrigante das officinas, a importunação á beneficencia medica, o appello, enfim, á caridade publica ou particular, foram substituidos pelo direito ao subsidio pago a tempo e a horas, pela visita do medico remunerado, pelo serviço da pharmacia recommendado com todo o escrupulo.

Isto é bom; desafoga o animo e dilue rancores gerados pelo indifferentismo da sociedade, a cuja defeituosa organização nem sempre será errado attribuir o soffri-

mento de muitos dos seus membros. A fome dos filhos não vem, cunha de ferro em braza, dilacerar o coração do pae, que a molestia prostrou. Morre-se menos dolorosamente, e quando se morre ha nos labios uma palavra de benção para alguma cousa que nos foi allivio sem mescla de vergonha, e que em muitos casos virá ainda, do mesmo modo, em auxilio dos que deixámos em orphandade.

Por outro lado, a luz do ensino penetrou o obscurantismo em que viviam as classes obreiras. A associação discutiu e a discussão produziu a centelha. Fundou escolas, estabeleceu gabinetes de leitura, e por virtude da sua propria existencia abriu officinas praticas de serviço burocratico e parlamentar nas secretarias das direcções e nas salas das assembleias.

Hoje são numerosos os operarios aptos para dirigir e exercer as funcções publicas nos actos civis da nação, funcções que eram antes monopolio de poucos individuos, quasi sempre inhabeis por isso mesmo que eram monopolistas.

As classes obreiras alcançaram por meio da associação um grau de cultura que inteiramente as transformou, e d'ellas temos visto sair, no cyclo a que nos referimos, numerosos espiritos superiores.

Com isto ergueu-se ao mesmo tempo a consideração das classes laboriosas. Depois da Casa dos Vinte e Quatro, em que essa consideração lhes era deferida por um methodo convencional, que tinha por fundamento a mu-

nificencia regia, os homens de officio haviam caído n'uma especie de desprezo geral.

Antes do moderno e nobilissimo espirito associativo, sentia-se a acção do trabalho a conquistar na sociedade o logar que lhes pertencia, mas não se consideravam os luctadores d'essa nova conquista, os soldados valorosos d'essa humanitaria cruzada. Apreciavam-se os effeitos, mas esquecia-se a causa, e tambem por isso os resultados se retardavam e como que hesitavam.

A associação das classes, o espirito de união, o élo fraternal que encadeou a todos os que trabalham, mestres e companheiros, fez sentir aos governos a necessidade de os reconhecer potencia importante na evolução social, e consequentemente o dever de lhes deferir foros de cidadãos uteis e prestantes.

E ao mesmo tempo o operario correspondia á sua nova posição, trocando a taberna e o lupanar pela escola, pela assembleia, pelo gabinete de leitura, pelos trabalhos da associação, e—mais efficaçmente ainda—reconhecendo o dever de mandar os filhos á escola, que se lhe abria franca e protectora por virtude mesmo do seu proprio esforço.

A transformação foi completa, e se não attingiu ainda o seu maior grau de perfeição, póde talvez afirmar-se que, na somma de melhoramentos moraes por nós alcançados nos ultimos trinta annos, essa transformação avulta já como uma das suas maiores parcelas.

Antonio Rodrigues Sampaio apparece-nos, vulto ingente, á testa de tão notavel movimento. Em 1851 fundava-se o *centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas*. Era uma cruzada de luctadores dispostos a difundir no paiz a ideia da associação em todos os sentidos uteis aos homens do trabalho, e não só a difundir a ideia, mas tambem a realisar, a pôr em pratica theorias, que então pareciam phantasias de espiritos poeticamente humanitarios.

O eminente jornalista e sincero democrata foi escolhido para a presidencia d'esse centro. Por muito tempo occupou esse logar, e ao seu impulso, ao seu conselho sobretudo se deve a feliz vereda por que tomou a nascente instituição, radicando-se no espirito de todos, por modo que, em linguagem menos grave, poderíamos dizer que Portugal soffrera de febre associativa, e consolidando-se com tanta rapidez que já hoje pôde reputar-se inabalavel dos nossos usos e costumes, da nossa economia e modo de viver, de que faz parte e é grande auxilio.

Os serviços que Rodrigues Sampaio prestou ás associações em Portugal, é portanto a todas as classes que d'ellas tem auferido abençoados fructos, é um dos maiores florões da sua corôa civica. E esse florão apresenta-se nitido, brilhante, sem a menor mancha de ambição ou interesse pessoal.

Bem podia Rodrigues Sampaio ter feito da associação escada para subir ás eminencias sociaes; bem podia elle

ter galgado do logar supremo que lhe deram as classes suas protegidas aos pincaros das grandezas politicas, que tantos teem remido á custa do instrumento popular. Ao contrario, porém, elle ensinou á associação a completa abstenção da politica. Elle insufflou-lhe bem no animo que o gremio fraternal que deve receber a todos não póde distinguir nem escolas politicas nem seitas religiosas. E quando os seus talentos extraordinarios de homem publico, e quando os seus trabalhos em prol da liberdade, e quando a poderosa acção da sua influencia partidaria, o não deixavam já ver senão como um dos maiores vultos da nossa politica, Rodrigues Sampaio, arredava-se das assembleias associativas receioso de as prejudicar com a sua feição politica, mas a sua importancia, o seu valimento, a sua cooperação, jámais deixaram de estar ao serviço da aggremação das classes trabalhadoras, fosse qual fosse a fórma sob que se manifestasse, fosse qual fosse o logar, longe ou perto, em que apparecesse.

O filho do povo jámais renegou ou sequer esqueceu os seus irmãos; e não tinha para elles esses *ares protectores*, que ás vezes são uma affronta humilhante lançada á dignidade alheia com um sorriso amoravel.

Sampaio, pelo contrario, podia ser accusado de certo desleixo de etiquetas. Guarda d'alfandega ou presidente do conselho de ministros, redactor da *Vedeta* ou principe dos jornalistas do seu tempo, encontraram-no sempre desprendido de quaesquer ceremonias, de quaesquer pre-

tenções, recebendo todos do mesmo modo, trajando, parece que sem dar por ella, a farda de ministro, como trajava o casaco de simples cidadão. Um verdadeiro patuleia, sem affectação, valendo pelo que realmente era e não pelo que fingia.

Para mim tenho como um dos maiores serviços prestados á patria por Antonio Rodrigues Sampaio o que elle fez em favor das associações operarias. Viu elle bem, por certo, os grandiosos resultados que deviam seguir-se d'esta civilisadora instituição: enfraquecimento de pauperismo, illustração popular, actividade e contentamento laborioso, e a fraternidade, e a reciprocidade de auxilios, e a morigeração de costumes, o que tudo facilitaria a governação publica, abriria terra ás raias da liberdade, e daria ao povo portuguez uma feição nova de harmonia com o seculo em que vivia. Viu-o, e poz todo o seu empenho em conseguil-o. A penna vigorosa do jornalista revolucionario foi muito em defeza da liberdade; no labor de ministro do reino ninguem o excedeu em prol da escola popular; mas na architectura do edificio que ahí vemos garboso chamado Associação das classes, o seu zelo foi incomparavel e ninguem lhe prestou mais solidos alicerces nem lhe deu columnas mais firmes.

Por isso eu, convidado a encher algumas paginas d'este livro, impresso em honra de tão veneranda memoria, pareceu-me dever dedicar a esta sua feição especial as linhas que ahí ficam, e que são escriptas por uma testemunha da sua grande obra.

Que os vindouros reconheçam n'elle o principal architecto do edificio que a tantos dá abrigo, do poderoso elixir que tantas dores tem poupado e tanta lagrima evitado.

GASTRO NEVES.
(Redactor da «Lucta».)

TEIXEIRA de Vasconcellos diz, no seu SAMPAIO DA REVOLUÇÃO DE SETEMBRO. . . *chegou a idade de tomar ordens de epistola, mas os padres de Braga recusaram admittil-o. Porque o fizeram, nunca elle o soube bem.*

Este facto, que tão afortunadamente influiu na vida publica do Conselheiro Sampaio, deve ter succedido em 1827-1828, e, n'esses dous annos, as coisas ecclesiasticas da Roma portugueza correram pessimamente mal. O velho e imbecil arcebispo Dom Frei Miguel da Madre de Deus, de volta do seu degredo no Bussaco em 1823, nunca mais teve ingerencia no governo da archidiocese, por que lh'a não permittia o seu secretario Antonio B. da F. Moniz, que morreu bispo d'esta diocese do Porto, e o bispo de Carrhes, seu coadjutor, querendo, quando vigario capitular na morte do arcebispo, pôr cõbro aos abusos, que se davam, apanhou uma sóva com uma cadeira, e da sóva, classificada paralyisia, morreu dous annos depois. O arcebispo falleceu em Agosto de 1827, e o bispo de Carrhes fizeram-n'o morrer em Maio de 1830—; e meu pae, que muitas vezes o ouviu lastimar-se da aggressão covarde e traçoieira, dizia, quando a contava: foi cadeirada dos diabos, por que d'ella foi para a sepultura.

Teria, pois, o Snr. Rodrigues Sampaio conhecimento da sóva e commental-a-hia com o seu apreciavel bom senso, e característica imparcialidade, dando com isso ensejo de lhe negarem a ordenação?

Por falta de enthusiasmo pela revolução do Evangelho não foi excluido elle.

Na inauguração da ponte Maria Pia, a casualidade trouxe-o para o lugar, onde eu estava, e como alguém dissesse, quando o snr. bispo D. Americo, de hyssope em punho, aspergia o fecho do arco d'aquella molle de ferro: *depois de tal experiencia não pode duvidar-se da segurança da ponte*, o Conselheiro Sampaio, sorrindo ao epigramma, e movendo-se dentro da sua farda, maior que a sua corpolencia e obesidade, uma farda monstro, disse-me: o christianismo deve apparecer em todas as festas publicas, grandes como esta; por que o evangelho é admiravel, como meio pratico de civilisação social, embora os padres, uns porque o não conhecem, e outros porque lhe invertem os fins, tenham trazido a religião a esta indiferença, que a definha, com quanto a não mate. Quem reflexiona no muito, e quasi tudo, que a humanidade deve a Jesus, faz effectivamente do hyssope um poema heroi-comico, mas descobre-se á cruz de pau, ou de pedra, por que as cruces d'oiro são aspa, conforme disse o padre Antonio Vieira.

À MEMORIA

DE

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

DO

GRANDE ESTADISTA

DO

ASTRO BRILHANTE DA IMPRENSA PORTUGUEZA

A voz do furacão, o cédro da collina
Treme, oscilla no solo aonde se arreigou;
Se a tempestade cresce, o cédro ao chão se inclina,
Até que enfim lá tomba!.. Ai d'elle!.. ao valle rolou!..

Assim, *Elle* escutando a voz da tempestade
Precursora da morte, a lei cruel!... fatal!...
Elle o obreiro audaz que á santa liberdade
Ergueu na imprensa um throno, um aureo pedestal,

Como o cédro, tambem estremeceu no solo
Aonde teve o ser; mas o cédro pendeu
Fendido... murcho... em pó... elle curvando o collo
Passou a outro viver, resurgiu, não morreu.

Passou ao existir eterno da memoria,
Luz que jámais se apaga, eterno pantheon.
Póde o tempo apagar, as paginas da historia?
Não, nunca apagará: Sampaio e *Revolução*.

Porto, 2 de Outubro de 1882.

A REDACÇÃO DA «ALVORADA».

HOMENAGEM DO «CREPUSCULO»

PRINCIPIA agora a apotheose do eminente jornalista que deixou, na sua passagem pela terra, um rasto luminoso, todo cheio de triumphos, todo repleto de gloria, por todos os lados que se olhe, por todos os prismas que se veja. Como uma velha arvore, cheia de troncos nús, que sobresaia numa floresta entre milhões de arvores novas, Antonio Rodrigues Sampaio encontrou-se nos ultimos annos da sua existencia, entre uma geração toda forte nas suas aspirações, toda cheia de enthusiasmos nas suas ideias, tentando derrubar os monumentos do passado, galopando sempre sem paragem na estrada do Futuro, com os olhos pregados num Ideal novo, e elle, o gigante, erguendo-se no meio d'ella, com a sua figura atheletica, dava-lhe o exemplo mais vibrante

e forte de quanto é possível alcançar a meta d'um Ideal, sempre que são sinceras as crenças, e verdadeiro o entusiasmo que se agita dentro dos peitos. É que Sampaio soube resistir ás mais perigosas tempestades, ás mais violentas luctas, para conseguir ser um atheleta illustre e immortal.

FERRAZ BRANDÃO.

ABILIO MAIA.

À MEMORIA

DO

INSIGNE JORNALISTA

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

NA lucta que emprehendeste co'o destino
Ficaste vencedor, e tua gloria
Jámais se apagará da nossa historia,
Porque da patria um filho foste dino.

Foste da imprensa strenuo paladino,
E, recolhendo os louros da victoria,
Tinhas sempre patente na memoria
Teu nascimento humilde e bem mofoino.

É por isso que um povo ingente e nobre
Abençôa o teu nome glorioso,
E, ouvindo-o, reverente se descobre:

É que foste no mundo poderoso:
Passando na grandeza honrado e pobre,
Vives hoje no céo rico e ditoso.

Porto 2—10—82

ALFREDO MAYA.

(*Zé-Povinho.*)



MINHA-SE-ME varrido da memoria a destruição d'um velho cedro que ensombrava com a sua densa ramaria o passal humilde da minha aldeia, onde tantas vezes brinquei, quando o sol, doirando agonizante a alvura das casas, se sumia no horisonte, meigo, carinhoso, como se lhe pezasse a ausencia a que era forçado, para dar logar á noite.

Ninguem sabia a idade do annoso gigante. Os velhos da aldeia diziam tel-o encontrado na sua infancia, magestoso, respeitavel como então se achava.

Recordavam-se todos de terem quando rapases brincado como eu á sombra d'aquelles ramos que tantas tempestades tinham impunemente arrostado; e mais nada.

Não o tinham visto crescer; recordavam apenas que o tronco tinha então menos rugas e que o musgo não lhe havia dado ainda a côr esverdeada que nas arvores é a denuncia da velhice.

No cedro tinham ido enroscar-se uma multidão de plantas trepadoras, como se n'elle buscassem um protector para as nortadas agudas de agosto e para as geadas frigidíssimas de dezembro. E como se bebessem da seiva que o alimentava, onçadas, confiantes, haviam-se alastrado luxuriantemente por entre as ramarias, formando um verdadeiro caramanchão onde os pardaes se alojaram com grande escândalo do prior, resentido pelo estrago que os malditos fariam na sua figueira, considerada na aldeia uma especialidade.

Um dia, toldou-se repentinamente o ceu, invadido por grandes nuvens côr de chumbo. Levantou-se um vento desabrido e gottas pesadas de saraiva açoitaram cruelmente os vidros. Ao anoitecer ouviu-se o primeiro ribombo do trovão. A essa hora, transido de susto, pensava eu no meu quarto, nos effeitos terriveis do raio. A minha imaginação de creança fazia-me vêr horrores. Das paredes destacavam-se espectros de fulminados, planicies immensas onde os raios, cruzando-se em todas as direcções, abriam na terra fendas espantosas.

Cá fóra a tempestade crescia prodigiosamente. Até no velho cedro, cuja coma eu avistava das janellas, o vento era d'essa vez vencedor. Conhecia-se pelo sussurro dos ramos a lucta com que o gigante arrostava. Aquelles longos ramos grossos como o meu punho, agitavam-se no ar semelhantes a braços pedindo soccorro!

Subitamente estoirou por cima da minha cabeça um trovão espantoso. Uma luz brilhante, violeta, allumiou o meu quarto, e os vidros das janellas despediram um som argentino. Do passal sahiu um gemido magoado e um estrondo solurno, como se um corpo pesado cahisse desamparadamente por terra.

Minha mãe tinha-me dito que as janellas não se deviam fechar quando em occasião de trovoada estivessem abertas. A despeito porém da recommendação, eu sempre as

fui fechando, a medo, sim, mas obtive do meu terror esse esforço. Creança, como era, o somno dominou-me apesar dos meus terrores.

De madrugada, quando acordei, rompia brilhantemente o sol e os pardaes chilreavam como de costume no beiral do telhado. Isto animou-me; abri a vidraça. Da tempestade da vespera havia apenas vestigios no regato que corria caudalosamente e nas arvores do quintal, despojadas de folhas que a brisa matutina impellia brandamente nas ruas areadas do jardim. Não me lembrei de olhar para o passal, onde já se não via a coma do velho cedro.

Mais tarde quando para alli me dirigi recuei horrorizado. Um raio tinha feito pedaços a velha arvore, e o abbade, pondo estacas nas trepadeiras que d'antes se enleivavam amorosamente no tronco, já não accusava o cedro de ser o covil dos ladrões dos seus figos! Pranteava-o, e uma lagrima lhe brotava impertinente nos olhos.

Adivinhei d'onde tinha partido o grande gemido...

Quando mais tarde, muito tarde, voltei á aldeia, as trepadeiras do passal estavam longe de ter o viço e força que possuíam no tempo em que o velho cedro as protegia e alentava! Muitas d'ellas pendiam melancolicamente como desanimadas de não encontrar os raios d'outr'ora, — braços carinhosos onde ellas se acolhiam e se enfloravam.

Quando soube da morte de Antonio Rodrigues Sampaio lembrei-me do velho cedro, e não sei que analogia achei entre as plantas trepadoras inertes, desfallecidas, depois da sua queda, e os actuaes jornalistas que pranteiam a morte d'aquelle onde iam buscar o exemplo para a lacta!

ANTONIO CRUZ

Redactor da *Tor do Fogo*.

*



O SAMPAIO DE HONTEM



UANDO, em silencio, recompomos na nossa imaginação a figura energica e gloriosa de Rodrigues de Sampaio em 1836, combatendo cheio d'uma honestissima coragem, as imposições das camarilhas e os desvarios vexatorios da horda cabralina, elle, o valente espirito, rico d'indignações saudaveis, redigindo n'uma escura agua-furtada, como um rebelde legendario, papeis sediciosos, vibrantes de cólera e de audacia: resplandece dentro em nossa alma como que uma alvorada vivissima e extranha. É o athleta do Povo que se levanta diante de nós, proclamando os sagrados principios da Justiça! É o vigoroso pamphletario do *Espectro*, que atravez das policias preventivas e discricionarias, n'um meio imbecilizado, em plena lei marcial, quando o paço apoiado nas casernas esmagava a soberania da nação em Torres Vedras e nas ruas da capital: — arrostava, a peito descoberto, heroicamente, os odios ser-

vis dos aulicos da brazileira teimosa e tolerante que nos subjugava, mercê da *generosa dádiva* d'um *príncipe philosopho*, e atraçoava o povo que lhe pagava os desvarios com a miseravel intervenção das potencias estrangeiras em 47, acto este que mereceu do illustre pensador Edgar Quinet as seguintes palavras justas e dignas: «Outr'ora chamava-se a isto o maior dos crimes e punia-se com a morte, mas hoje fazemos d'isso a primeira das virtudes constitucionaes.»

Rodrigues Sampaio foi companheiro de Lopes de Mendonça e de muitos outros grandiosos e indisciplinados espiritos d'aquelle tempo; quer no *Centro Promotor*, quer no *Espectro*, quer nos primeiros annos da *Revolução de Setembro*, deixou affirmações sinceras de convicto democrata. Sobre o tumulo de Felix Henriques Nogueira, no cemiterio do Alto de S. João em Lisboa existem ainda as seguintes palavras que não convém esquecer e que comprovam inteiramente o que acima deixamos dito:

Apostolo fervoroso da liberdade, equaldade e fraternidade, foi strenuo defensor da doutrina democratica e da ideia da federação politica das Hespanhas. O futuro julgard suas opiniões e as de muitos que lhe sobrevivem. Assignam: Antonio Rodrigues Sampaio, José Elias Garcia, José Estevão Coelho de Magalhães, Gilberto Rolla, Francisco Maria de Sousa Brandão, José de Torres, Sebastião Betamio, Luiz Philippe Leite, Silveira da Motta, e muitos outros que depois se inutilisaram nas cabalas do constitucionalismo ou continuaram affirmando as suas generosas aspirações democraticas.

A primeira época da agitadissima vida de Rodrigues Sampaio é sobremaneira honrosa e notavel. Luctador de fina tempera, pulso forte, espirito de bronze e aurora, ninguém como elle esgrimia o florete da polemica e atirava

mais cruéis botes ao primeiro adversario que apparecia. E era na verdade assombrosa a ironia sangrenta e fulminadora da sua prosa, onde a espaços trovejava toda a indignação do Direito e relampejava a santa consolação das almas devotadas ao povo, combatendo dia a dia para o triumpho d'um principio justo e alevantado. E em que situação se encontrava então o paiz? D'um lado ao outro a noite, o desespero, o odio, a insurreição, a colera; havia fome; nas praças publicas espingardeava-se a miseria revoltada; a rainha saudava os morticínios e chamava contra o paiz as armas de Concha; não havia escolas, nem industrias, nem estradas; por toda a parte o fisco absorvendo e sugando as forças vivas das povoações ruraes; os homens dignos que se não submettiam ás imposições de cima, enviados como bandidos para Angola, onde chegavam quasi mortos, suspensas as garantias civis: mas um volto energico, um luctador glorioso ergueu-se na brecha e appareceu no posto de honra, e a nação, embora presa, amordaçada, zurzida, suja, escarnecida e acutilada, pôde fazer ouvir o seu protesto. Não! a liberdade não podia ser impunemente chicoteada! Por cima de tanta miseria, de tanto sangue, de tanto desvairamento, lá estava a voz de Antonio Rodrigues Sampaio, o plebeu glorioso, o jornalista ardente, o democrata audaz, o dissidente inquebrantavel...

XAVIER DE CARVALHO

Redactor da *Folha de Hoje*.





DATA de longe a lucta entre os opprimidos e oppressores; é como que um corollario da lucta peia existencia. Na historia escripta de todos os povos a cada passo vemos o mais forte querendo dominar o mais fraco, e a revolta d'este quando se julga com força sufficiente para despedaçar o jugo que o opprime ou os grilhões que o escravizam. No meio do triumpho dos grandes, os clamores dos opprimidos, clamores de tormento e amarga agonia, não deixam de se ouvir e de dar uma nota lugubre nas paginás da historia. Nos povos antigos, seja qual fór a fórma do governo, o opprimido existe sempre; assim no Egypto como em todas as nações do Oriente, assim na Grecia como na Roma republicana ou cesarista.

Modernamente, apezar da lucta continúa dos opprimidos, a oppressão ainda subsiste e subsistirá sempre mais ou menos ostensiva ou mascarada. Mas, como nos

antigos tempos, o mesmo facto sociológico da reacção se dá entre o opprimido e o oppressor. Na idade média esse immenso cadinho d'onde sahiram as nações modernas, a arraia miuda revolta-se a todos os momentos contra os senhores feudaes, para conquistar direitos que hoje, como disse o nosso grande historiador A. Herculano, nenhum cidadão imaginaria possivel disputarem-se-lhe e que custaram rios de sangue a varias gerações e um sem numero de combates. Epocha de trevas e de ignorancia, e em que o direito do mais forte é a unica lei, o povo escravizado olha para os seus senhores com o sentimento da igualdade original, e ao mesmo tempo que lucha para conquistar uma certa parcella de liberdade, solta este grito:

Nus sumes homes cum il sunt

(WAGNER, *Romance de Row.*)

brado de revolta que deveria ecoar bem terrivelmente aos ouvidos dos tyrannos, e que ainda hoje resoa no meio das tempestades sociaes, quando o povo reage contra as oppressões das classes dirigentes.

A Renascença, ou a epocha que decorre desde o fim da idade média até á revolução franceza, não é mais que a continuação das grandes luctas travadas anteriormente tendo por auxilio um grande factor — a Imprensa. Os reis tratam de dominar o espirito de liberdade que pullula por toda a parte, ora annullando as franquias municipaes, ora incitando o fanatismo religioso dos povos e criando tribunacs infamissimos como os da Inquisição, ora combatendo incessantemente a liberdade de consciencia fomentada por espiritos luminosos como Martin Luthero. Chegam a implantar, é verdade, a monarchia unitaria e absoluta a ponto de Luiz XIV poder exclaimar: *L'Etat c'est moi*; entretanto o es-

pirito da liberdade subsiste sempre, reagindo mais ou menos contra todas as prepotencias, e traduzindo-se afinal no grande facto que inicia a epocha contemporanea — a Revolução franceza.

Nas luctas da Renasceuça a imprensa é a grande alavanca que faz abalar os mais arraigados preconceitos. Lutthero serve-se d'ella para publicar a Biblia, traduzida na sua lingua patria e para espalhar o seu *Cathecismo*, livro que contém os principios da reforma. Era uma arma terrivel que sabia esgrimir, porque diante d'ella cahiam todas as abusões, e o povo podia enfim melhor comprehender a sua força e os seus direitos calcados pelos que se diziam seus senhores. A reacção d'estes contra a propagação de ideias revolucionarias por meio do livro ou pamphleto era inevitavel; e effectivamente em todos os paizes onde predominavam as fórmulas da monarchia absoluta, a publicação de qualquer livro só era concedida por licenças especiaes e depois da obra ter sido sujeita a um exame rigoroso. Criaram-se então tribunaes distinctos para taes censuras, e ai do livro que não cahisse nas boas graças dos censores, ou que fosse suspeito de querer introduzir novas ideias, pelas quaes pudesse perigar a grey dos privilegiados!

Apesar porém de todos os obstaculos a ideia da igualdade e liberdade humana avança sempre, inoçula-se nos espiritos, traduz-se em revoltas em que os grandes, os oppressores do povo, tem sempre que ceder um privilegio, uma regalia. De nada valem os rigores da Inquisição, as Mesas Censorias, o *Index expurgatorium*; o livro heretico, precursor do ideal moderno, que propaga ideias de liberdade e desvenda oppressões, que faz conhecer aos opprimidos os seus direitos, publica-se sempre, e lá segue a sua missão regeneradora vencendo os maiores estorvos, annullando as mais cruéis perseguições. Quasi no ultimo

quartel do século XVIII, Voltaire vê as suas obras condemnadas tanto em Roma como em França, mas isto não obsta a que ellas sejam lidas, preparando assim as almas corajosas para a grande lucta em que o passado soffrerá os mais fundos golpes nas convulsões terrivelmente desmoronadoras da Revolução franceza.

Mas se o livro influíu bastante na propagação das ideias da egualdade e liberdade humana, no templo da Revolução já elle não basta para saciar a avidez do povo que revindica os seus fóros de homens livres; e ao antigo factor, emanado da Imprensa, vem juntar-se com outro, talvez mais ousado e mais revolucionario — o jornalismo.

Apesar de já existir anteriormente, o jornal só desde então é que tomou a feição revolucionaria que o caracteriza, desenvolvendo-se espantosamente, acompanhando sempre as populações oprimidas nas suas luctas, ou antes instigando-as a ellas, como fazia Marat com o seu *Ami du peuple*, Hebert com o *Père Duchêne*, folhas revolucionarias do tempo da Revolução, e que tanta influencia tiveram sobre o povo, chegando por vezes a desvairal-o, excitando-lhe as mais violentas paixões. Entretanto, mesmo com os seus exaggeros, o jornal deu às revoluções modernas uma feição característica. Em todas as luctas é elle que occupa o lugar mais proeminente. Na evolução das ideias mais avançadas é d'elle quasi sempre que parte o grito que arrastará as populações ao combate.

Como em França, na Allemanha, Hespanha e todas as nações cultas, Portugal, que tanto trabalhou para conquistar os fóros de nação livre, tambem teve como grande auxiliar nas luctas da liberdade — a imprensa. Desde que se iniciou o movimento revolucionario em que o passado devia ser derrubado com quasi todos os seus privilegios e despotismos, o jornalista apparece na scena politica da na-

ção, influenciando profundamente nos seus destinos, cumprindo a bella missão demolidora do passado e reconstrutiva do presente, a par dos estadistas, dos homens da espada, dos denodados tribunos e heroicos revolucionarios. Com o jornal dilatam-se e desenvolvem-se as novas ideias, os novos principios de liberdade; as populações, apesar da muita treva de ignorancia em que o passado as lançara, vão comprehendendo pouco a pouco que outros são os seus direitos, e que as raças privilegiadas, os preconceitos da monarchia absoluta são uma anomalia, um producto dos seculos de obscurantismo que é necessario estagnar e banir.

Rasgando sempre novos horisontes, na liça do jornalismo vêm-se então apparecer no nosso paiz nomes illustres, estrenuos lidadores da palavra escripta e que sabem praticar actos de constancia e abnegação, de valor indomito e resignação mais que humana. Herculano, Garrett, José Estevão, Manoel Passos e muitos outros dão á nova cruzada um realce que a historia sempre registrará.

Mas n'essas luctas grandiosas em que os iniciados eram por vezes baptisados com fogo e sangue, em que as pugnas jornalisticas tinham coleras oceanicas, impetus indomaveis, febres ardentissimas e sempre crengas arceigadas, um homem houve que n'ellas soube sobrepujar os seus irmãos d'armas, e que na controversia, na objurgatoria, na aggressão, na polemica, vencia sempre o adversario deixando-o prostrado na arena do combate. Esse homem era Antonio Rodrigues Sampaio, o gigante do jornalismo portuguez, o polemista e pamphiletario formidavel, o continuador n'este seculo de grande lucta, a favor dos opprimidos, e que só a morte pôde fazer enmudecer e paralyzar na sua nunca interrompida missão.

Que dizer, pois, do grandioso jornalista, do mestre cuja estatura moral é d'aquellas que assombra, hoje que

o jornalismo portuense pede a todos nós, humildes lidadores da imprensa, uma phrase, uma palavra ainda que mal alinhavada, para commemorar a perda do valente campeão que baqueou ao tumulo da eterna paz?

Que dizer que outros não tenham dito com mais galas de estylo, com mais sentimento e mais rutilante inspiração?

Não; para tal homenagem requer-se penna mais experimentada e mais pujante imaginação, e não seremos nós que da nossa humidade nos abalaçaremos a tão ousado commettimento.

Quando, como em Antonio Rodrigues Sampaio, tanta intelligencia, tanta actividade, tanto talento foram brutalmente aniquilados pela morte, a unica cousa que poderemos dizer é repetir as seguintes palavras de Renan:

«La mort je la trouve odieuse, haïssable, insensée, quand elle étend sa main froidement aveugle sur la vertu e sur le genie.»

(Voz do Povo).

CRUZEIRO SEIXAS.





ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

(O HOMEM E O REVOLUCIONARIO)



BONDAD E a força — eis as duas características que, a nossos olhos, mais se abalizam na categoria d'esse generoso espirito, ultimamente extinto.

N'estes tempos de uma tão corrupta baixeza de caracteres, e de um tão intimo depauperamento de poderio intellectual, é bello, é tonificante, é edificantissimo, para quem quer que sinta ainda em si a valente fibra do enthusiasmo, — o afundar no coração d'esses eleitos, retemperando-a, galvanizando-a de coragem, a vista indignada e retrahida ao espectáculo do esphacelo triumphante, da relaxação consciente e irregeneravel, do cretinismo radical, que ascende na consideração estulta ou impudentissima das gentes, de todo este vergonhoso gurgulhar de vilanias, que vceem ao cimo da grande marmitta social, quando toda uma raça de miseraveis, sem coração ou sem intellecto, ahi cosinha iniquidades sem conta, para alimento das suas ambições mesquinhas e crimosissimas.

Coração! intelligencia! — O que sabeis vós d'isso, apodrecidas mumias, vós que sois absolutamente incapazes do raptó espontaneo de um sentimento, e de exaltar essa ave desazada, que dentro do cranéo vos chafarda, a alguma das alterosas cumiadas, em que o puro ideal se hasteia? O que sabeis d'isso, vós outros, — eunucos em toda a linha da hombridade humana, sinistros divorciados da honra, que andaes a revolver as sociedades com o enxadão das ignominias, como a hyena excavando os cemiterios, para roerdes, na sombra, o osso, que vae arcabouçar-vos a ostentação e a pompa! Vós sabeis que essas cousas existem, para que, de elevados e opulentos uberes que ellas são, as volvais em descentes e repuxadas tetas da vossa mediocridade; para que ellas vos sirvam de tablado a toda a insolente cabriolagem das soffreguidões sordidissimas.

Ó tu, velho combatente, que adormeceste na paz das sepulturas! legionario intemerato do bem e da verdade, a quem hoje a morte — a vida! — absorve no seu egualitario e infinito leito: da tua existencia avulta uma esplendida affirmação de humanidade alevantada.

Quando eu penso em toda a força de impulsão, que te levou, — caminho da honra e do civismo, — desde as tuas humilimas origens até ás cumieiras, d'onde a tua voz chegou a ser ouvida com respeito, e a impôr-se intimativamente; quando me defronto com os estorvos sem numero, que essa força atropellou e derruiu com um vigor leonino; quando eu, depois, contemplo a affectuosa abastança do teu dilatado coração de justo, a simplicidade antiga que o aureolava, a franqueza lealissima em que elle te rompia do peito, ungiendo-te a amplidão bondosa da physionomia, de uma grande inundação de luz onde toda a tua alma se esvoaçava á larga; quando, nos penetraes do meu espirito, como no interior de um santuario, resplandece a tua santa dedi-

cação pela familia, a paz angusta do teu lar admiravel: — eu vejo-a toda consagrar-se-te a minh'alma entusiasta, e sinto que uma impetuosa revoada de sympathias se levanta dentro em mim, entoando um vibrantissimo hymno de saudações em torno à tua memoria culminante.

Tu, bom velho, homem de paz e de conciliador conselho, que na derradeira phase vinhas affirmando-te, — fôras algum dia um luctador pujantissimo. Algum dia traduziras, com todo o abalo de uma indignação insoffrida, porque enraizava na justiça mais flagrante e mais oppressa, o tumultuar da tua alma explosiva, inflammada pela forte consciencia da tyrannia, pelos attentados estrangulantes contra a liberdade moribunda.

Foi soberbo, então, o marulho tempestuoso do teu talento, alvoroçando intensamente a populaça, cuspiendo terríveis investidas contra os autocratas, apontando-os vehementeemente à face da justiça, disparando contra elles os arrancos da tua selvatica e rude voz de pamphletario, aferando-os a um pelourinho de bronze em que era fundida toda uma grande alma collectiva e rugidora, e lançando-lhes para sobre as culpas uma immensa e assoladora vaga, uma d'estas ondas monstruosas, em que a consciencia publica estoira e se espumeja em furia.

Raro, entre nós, a penna do jornalista foi catapulta de tão formidaveis golpes. O estylo de Rodrigues Sampaio, asphyxiante, apertadissimo, com uma grande condensação de força e de justeza, finha a concisão do ferro escandecente, e marcava fundo o antagonista. As paginas do *Espectro* revivem ainda hoje de uma seiva undacissima, cerrando o crime entre as suas estreitas malhas como a ferrea grada-ria de um carcere.

Vulto exuberantemente sympathico, physionomia vivamente humana e luminosa, não serei eu quem, no reverso

d'essas mesmas brilhantissimas qualidades que te enalteciam, vá liquidar a escoria que te deixou vinculado ao erro. Que outros se preocupem na ingrata e aspera tarefa. Quando, silencioso, penetrado de commoção e de respeito, eu mentalmente evoco a tua livida frontê de cadaver, — um grande espaço todo limpido, todo forrado de reliquias de uma nobreza eminente, se me abre, radioso, à vista; e n'essa ampla clareira, em que a superioridade esplende, eu sello, com toda a minh'alma profundamente absorta, um longo beijo solemnisimo e sagrado!

LUIZ BOTELHO

Redactor do Primeiro de Janeiro.





BMMB



34740017093

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO